



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS - UAL**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

***EMYGDIO FLORIANO DINIZ VIEIRA***

**NAS CORDAS DE LEANDRO GOMES DE BARROS: ANÁLISE DA  
ASTUCIA EM *O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO* E A  
*DONZELA TEODORA*.**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2016**

***EMYGDIO FLORIANO DINIZ VIEIRA***

**NAS CORDAS DE LEANDRO GOMES DE BARROS: ANALISE DA  
ASTUCIA EM *O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO* E A  
*DONZELA TEODORA*.**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa.

**ORIENTADOR:** Dr. Elri Bandeira de Sousa

**LINHA DE PESQUISA:** Literatura regional.

CAJAZEIRAS – PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

V658n Vieira, Emygdio Floriano Diniz

Nas cordas de Leandro Gomes de Barros: análise da astúcia inocente em O Cavalo que Defecava Dinheiro e a Donzela Teodora / Emygdio Floriano Diniz Vieira. - Cajazeiras, 2016.

67f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.

Monografia (Licenciatura em Letras) UFCG/CFP, 2016.

**Título do Trabalho: Nas Cordas de Leandro Gomes de Barros: “A astúcia inocente na “Donzela Teadora” e em “O cavalo que defecava dinheiro”.**

**Aluno: Emygdio Floriano Diniz Vieira**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em 31 / 05 / 2016 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, da UFCG – Centro de Formação de Professores – Unidade Acadêmica de Letras, com a Média Final 7,2 pela seguinte Banca:



**Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa**  
Orientador



**Profa. Ms. Maria de Lourdes Dionizio Santos**  
Examinadora



**Prof. Ms. Carlos Gildemar Pontes**  
Examinador

**Cajazeiras – PB**

**2016**

Aos meus avos, **Emygdio Wanderley Diniz e Rita Alves Diniz** por todo o incentivo, apoio e auxílio que vem me dando em todos os momentos durante minha longa caminhada acadêmica.

**Dedico.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu pai do céu, que sempre está ao meu lado em todos os momentos, me abençoando, me dando saúde, força de vontade, determinação, dedicação e perseverança.

Agradeço a minha família, em especial aos meus avós (seu Emygdio Wanderley e dona Rita), e a minha mãe (Dona Edilene), que durante toda a minha vida foram o meu alicerce, me dando todo o acompanhamento para que eu chegasse até onde estou.

Agradeço a minha esposa (Priscilla Thayna), que é a minha fonte de inspiração e que me dar força em todos os momentos difíceis da minha vida.

Agradeço a todos os meus docentes desta caminhada desde aqueles lá do começo: Perpétua, Do Céu, Joaquim, Ronaldo, Ewerton Vieira e Junior, até os da academia, em especial Elri Bandeira, Lígia Calado, Rose Leite entre outros que vêm durante todo este período me auxiliando com muita sabedoria, compromisso e acima de tudo dedicação.

Agradeço também aos meus colegas de sala que durante este período compartilharam comigo aprendizagem, dúvidas, momentos bons e ruins, mas que durante esses quatro anos vêm colaborando para que tudo de certo.

Por fim agradeço a todos que participaram direto ou indiretamente desse período de aprendizagem que foi a realização deste curso de licenciatura em Letras.

*“Ser educador é muito mais do que ser professor. Para ser educador; não basta conhecer teorias, aplicar metodologias, é preciso uma predisposição interna, uma compreensão mais ampla da vida, um esforço sincero em promover a própria auto-educação, pois o educador verdadeiro é aquele que antes de ser profissional é um ser humano.”*

*(Incontri, 2004, p. 52)*

## RESUMO

A presente pesquisa apresenta estudos dos cordéis “O Cavalo que Defecava Dinheiro” e “A donzela Teodora”, do poeta Leandro Gomes de Barros. O objetivo da pesquisa é abordar o tema da astúcia das pessoas menos favorecidas para sobreviver. Escolhendo como objeto de estudo essa forma de literatura que surgiu no período Renascentista e que recebia este nome – cordel - por se tratar de folhetos impressos em papéis de baixo valor e que eram expostos em cordas, este trabalho é uma pesquisa de caráter bibliográfico e analítico fundamentada em Vianna (2014), Diégues Júnior (1986), entre outros autores. Como metodologia foram utilizadas leituras de textos sobre o tema escolhido, além da análise dos cordéis “O Cavalo que Defecava Dinheiro” e “A donzela Teodora”, de Leandro Gomes de Barros, obras selecionadas, nas quais o objeto de estudo é, precisamente, a astúcia das personagens frente às dificuldades com que se deparavam em seu universo de vivência. Até o momento, concluímos que a vivência do poeta Leandro Gomes de Barros, um sertanejo pobre, é um dos dados que contam na escolha do tema da astúcia dos menos favorecidos para se sobressair de dificuldades como a seca, a opressão dos patrões e coronéis, além do preconceito em relação à figura feminina da época. Assim, cada um, a seu modo, tenta escapar do sofrimento usando da sua astúcia para se livrar de tais dificuldades.

**Palavras chaves:** Leandro Gomes de Barros, Literatura de Cordel, Poesia popular.



## **ABSTRACT**

The current research presents a study in progress of two pieces of the Cordel Literature “The horse that defecated money” and “The maiden Teodora”, from the poet Leandro Gomes de Barros. The goal of this research is to approach the theme of the innocent astuteness of less favored people to survive. Choosing as a goal of study this kind of literature, which appeared in the Renaissance period and that, receive this name – Cordel – because it consisted in printed brochure on a rustic paper that was exposed on ropes, this work is a research of bibliographic character and analytical founded in Viana (2014), Diégues Júnior (1986), among other authors. As methodology, it was used the reading of texts about the chosen theme, besides the analysis of the pieces “The horse that defecated money” and “The maiden Teodora”, from Leandro Gomes de Barros, selected works, in which the goal of the study is, precisely, the astuteness of the characters facing the difficulties that they encountered in their life. Until now, it was concluded that the knowledge of the poet Leandro Gomes de Barros, a poor inlander, is one of the data that counts in choosing the theme of the astuteness of the less favored people to excel the difficulties as the dry season, the oppression of the bosses and colonels, besides the prejudice related to the feminine figure of the time. Thus, each one, on their mode, try to escape from the suffering using their astuteness in an innocent or naughty way to get rid of the difficulties.

**Keywords:** Cordel Literature , Leandro Gomes de Barros, Popular poetry.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I- CONHECENDO A LITERATURA DE CORDEL</b> .....	13
1.1- O que é literatura de cordel e como surgiu.....	13
1.2- Características da Literatura de Cordel.....	22
<b>CAPITULO II – A OBRA DE LEANDRO GOMES DE BARROS</b> .....	26
2.1- Leandro Gomes de Barros: nascimento e vida.....	26
2.2- Principais obras.....	30
2.3- Obra e autores influenciados por Leandro.....	33
<b>CAPITULO III - A ASTÚCIA EM DOIS POEMAS DE LEANDRO GOMES DE BARROS: <i>O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO E A DONZELA TEODORA</i></b> .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50
<b>APÊNDICE</b> .....	52

## INTRODUÇÃO:

Este trabalho de conclusão de curso tem por finalidade apresentar uma discussão acerca da literatura de cordel nas obras do poeta Leandro Gomes de Barros, como análise da imagem do sertanejo mais necessitado que, por inúmeros motivos tem de usar da astúcia para sobressair das dificuldades apresentadas pela vida para se sobreviver.

O objetivo central desta pesquisa é abordar o tema da astúcia das personagens que representam as pessoas menos favorecidas para sobreviver. As obras analisadas foram *O cavalo que defecava dinheiro e A donzela Teodora*, do poeta Leandro Gomes de Barros, paraibano do sítio Melancia, no município de Pombal. Leandro foi considerado o pai da literatura de cordel pelo número imenso de obras intituladas e catalogadas com o seu nome. Em suas obras é marcante a imagem do padre nordestino sofredor que por inúmeros motivos tem de usar da astúcia para sobreviver.

Na obra *O cavalo que defecava dinheiro*, também podemos evidenciar essa astúcia no personagem do “compadre” do coronel, que tenta, através da sua inteligência, se desvencilhar das dificuldades com que se deparava em seu universo de vivência. O compadre é um pobre da cidade de Macaé que para sobreviver juntamente com sua família utiliza de métodos desonestos para poder ter o que comer e dar a sua família o mínimo de decência. A sua astúcia fica evidente quando o mesmo utiliza-se de um velho cavalo magro, para conseguir dinheiro vendendo-o a um duque ambicioso que, segundo o seu compadre defecava dinheiro, uma mina de ouro. Essa “enrolada” não demonstra a maldade do homem sofredor, mas sim um pai de família que faz de tudo para ajudar a sua família, mesmo que tenha de usar de métodos desonestos.

Na obra *A donzela Teodora*, a astúcia da donzela Teodora se sobressai nas desigualdades enfrentadas pela mulher da época. O folhetim retrata a história de uma jovem donzela que usou de sua inteligência, muitas vezes de maneira astuciosa, para evitar que fosse vendida pelo rei de Tunis como escrava. Ela desafia todos os sábios da corte e de lugares distantes para evitar que fosse vendida, muitas vezes sendo astuciosa e desonesta e outras sendo ingênua e honesta.

Este trabalho de caráter bibliográfico e analítico fundamenta-se em Viana (2014), Diégues Júnior (1986), entre outros autores, além dos próprios folhetins *O*

*Cavalo que defecava dinheiro e A donzela Teodora*, ambos do próprio Leandro Gomes de Barros.

Literatura de cordel é um estilo de arte ou literatura popular que teve origem por volta de 1830 pelo cantador Ugolino de Sabugi em parceria com seu irmão Nicandro, ambos filhos de Agostinho Nunes da Costa, que foi considerado pioneiro deste Gênero intitulado de literatura popular. Enquanto isso o processo histórico de produção de cordel de maneira editorial teve início na pessoa de Leandro Gomes de Barros. Ele deixou um acervo de mais de 200 obras datadas com seu nome.

Propomo-nos resolver o seguinte problema: por que, no interior da voz de personagens como “ o compadre” e “Teodora”, encontram-se características tão fixadas à figura do poeta Leandro Gomes de Barros, demonstrando uma ligação do eu-lírico com o eu-poeta? Esta seria uma saída para o poeta apresentar a sua visão de sofrimento que ele como vários outros pobres do interior sofrem pelo poder autoritário da sociedade?

No primeiro capítulo, discutiremos a literatura de cordel, o que é literatura de cordel e como surgiu, além de suas características. No segundo capítulo, apresentamos Leandro Gomes de Barros, seu nascimento e vida, assim como suas principais obras, além de obra e autores influenciados por esse poeta. No terceiro e último capítulo, analisamos a astúcia em dois poemas de Leandro Gomes de Barros: *O cavalo que defecava dinheiro e A donzela Teodora*, encontrando as marcas de astúcia nestas obras.

## **CAPÍTULO I - CONHECENDO A LITERATURA DE CORDEL:**

### **1.1- O que é literatura de cordel e como surgiu**

Com o passar dos anos, a sociedade humana de maneira geral foi evoluindo gradativamente, procurando se adaptar e melhorar o convívio entre os seres. Nos movimentos literários isso não aconteceu de maneira diferente. No início da humanidade, as formas de produções artísticas mais comuns eram as pinturas realizadas pelos primitivos e, logo em seguida, dentre várias manifestações literárias que invadiram o mundo, a que mais obteve destaque foi o poema. Por consequência do número de pessoas letradas no mundo ser muito elevado, a população só tinha uma maneira de guardar a produção que era na memória. A poesia era mais fácil de memorizar e isso facilitava a preservação do saber, como observa Luyten:

A grande razão desse fato é que as sociedades humanas, quando são letradas, têm como único recurso à memória para guardar aquilo que acharem importantes. Daí a tendência de ordenar toda espécie de mensagens em forma poética. O ritmo das frases, as partes finais ou iniciais semelhantes facilitam tremendamente a memorização. (LUYTEN, 1981, p. 7-8).

Com a chegada do século XX, e o crescimento do número de letrados no mundo, o poema começou a perder força para a produção em forma de prosa, mas a poesia, mesmo assim, continuou existindo e avançando de geração em geração através da comunicação popular. As expressões populares eram muitas, como músicas, poesia, brincadeiras entre outras formas, todas elas realizadas de cunho oral, apresentando relevante importância para o meio social. “Entre as expressões de cunho popular, as que mais interesse ofereceu são as modalidade comunicativas. E entre estas, a poesia ocupa um lugar de destaque pela sua dinamicidade e força de expressão” (Luyten, Op. Cit., pág. 9). Dentre as maneiras de produção literárias em forma de poesia e prosa, analisando apenas o Brasil, a que mais proliferou foi a poesia. A literatura de cunho popular mais famosa em nosso país é a literatura de cordel. Muitos confundem literatura popular com literatura de cordel, achando que os dois termos possuem o mesmo significado.

Quando falamos de literatura popular, estamos falando de produzir arte de maneira popular, ou seja, de povo para o povo, observando, logicamente, as

particularidades do indivíduo e do seu ambiente, observando a literatura popular que está espalhada por todo o mundo.

Segundo LUYTEN Op. Cit. (1981), no mundo árabe e na Índia, por exemplo, sempre existiram os contadores de histórias oficiais. Durante toda a história até os dias atuais ainda existem aquelas pessoas nos reinos árabes que são conhecidos por ter a habilidade de lembrar-se de histórias e relatos que são contados ou recitados na maioria das vezes por dinheiro. Esses contadores relatam histórias de piratas, fantasmas e lendas de suas regiões. No mundo árabe há a poesia, mas são as histórias em prosa que têm o maior destaque.

Seguindo ainda nos locais mais longínquos do mapa, existem vários gêneros de literatura popular, semelhantes à literatura de cordel do Brasil. Na Nigéria existe um gênero muito popular por ser realizada e apresentada no estilo de peças teatrais. Essa literatura popular produzida na Nigéria tem como principal característica a apresentação de história de líderes nacionais e africanos, demonstrando muitas vezes o poder dos líderes locais e também as batalhas pela independência nacional e ou social, entre outros temas locais que também eram abordadas nessas apresentações.

A grande razão desse fato é que as sociedades humanas, quando são iletradas, têm como único recurso à memória para guardar aquilo que acharem importantes. Daí a tendência de ordenar toda espécie de mensagens em forma poética. O ritmo das frases, as partes finais ou iniciais semelhantes facilitam tremendamente a memorização. (LUYTEN, 1981, p. 7-8)

Da África partimos para o continente europeu. Percebemos no conto o maior e mais desenvolvido movimento literário popular, mas não se sabe ao certo como os contos germânicos e escandinavos foram transformados para o formato de prosa. Apesar disto, a poesia é o meio de literatura popular mais desenvolvido, pois desde a idade média que há informações sobre os trovadores que andariavam de uma região para outra da Europa, recitando histórias e notícias. Muitas vezes apresentavam mais a visão da Igreja, gerando a esperança e a confiança dos povos mais humildes. O movimento religioso de maior destaque que desenvolveu essas produções foram as Cruzadas. Os povos eram presos aos seus locais de origem, sendo possível a peregrinação apenas para se juntar aos guerrilheiros nas guerras, ou nas mudanças de localidade de seus patrões ou por peregrinação religiosa, que na época era muito popular. Com a conquista da Palestina pelos povos Muçulmanos, foi proibido o acesso dos cristãos a estes locais

cercados pelas chamadas “Guerras Santas”. Por este motivo, os povos Europeus formaram grandes tropas para invadir e conquistar a Palestina. Com essa miscigenação de povos com os muçulmanos, os Palestinos e os povos de diversas regiões da Europa, deu-se uma grande expansão cultural através das literaturas populares por toda a Europa. Com isso foi possível perceber em toda a Europa uma grande força da literatura popular, mais precisamente em forma de verso, embora também tenha havido marcas da prosa através dos relatos de batalhas para a conquista da Terra Santa. Com isso a França foi o país que mais se desenvolveu na produção de literatura popular, quando ficou famosa pelas publicações de folhetos e almanaques populares, que foi na Europa a produção que mais se aproximou do cordel brasileiro.

As obras eram do mesmo tipo que a nossa literatura de cordel – logicamente, versando sobre acontecimentos franceses. Eram, geralmente, em verso, mas havia-os em prosa e mistos. Chamava-se colportage-col significa “nuca” e os vendedores de livretos costumavam carregá-los numa caixa diante do peito, prendendo esta com uma corda que passava pela nuca (como alguns camelôs de nossos dias. (Luyten, Op. Cit., p. 31).

Outro país europeu que teve uma produção de literatura popular semelhante a da França foi à Inglaterra, que teve as produções chamadas de ballads (baladas) e brodsides (lado largo). Desde a criação das gráficas no país, essa produção teve um número muito grande de seguidores, pois se espalhou por todos os países da colônia Inglesa. Neste estilo houve tanto produção na forma de verso como de prosa. Outros países da Europa, como Holanda e Alemanha, entre outros, também tiveram movimentos de literatura popular que não se assemelham com os nossos pela forma mas pela aceitação da população mais pobre desses países, onde se desenvolveram os primeiros folhetos europeus falando do Brasil. Esses estilos de produção literária surgidos nesses países teve maior desenvolvimento nas regiões que possuem dialetos populares. Então chegamos à Península Ibérica, com destaque para Portugal, onde surgiu a nossa literatura de cordel propriamente dita, pois lá eram produzidos os folhetos em prosa, que eram expostos em barbantes para que a população pudesse ver e comprar.

Segundo LUYTEN Op. Cit (1981), vem daí então, uma das primeiras teses para o significado do nome cordel: os folhetos presos em cordões para vender ganharam esse nome de cordel.

Por fim chegamos à América. Não é difícil encontrar movimentos populares na América, pelo fato de influências regionais, de clima, de etnias que se espalham de país para país, com exceção para os Estados Unidos, que não produziu uma forma de literatura popular clara, mas lá não ficou isento de literatura popular pelo fato dos refugiados de outros países de regiões diferentes que iam morar por lá. Essa nova forma de cultura popular não encheu os olhos dos americanos pelo fato deles sempre desejarem seguir sua própria forma de cultura, diferente do restante do continente. No restante da América o processo de formação cultural não se deu de maneira diferente do Brasil, sendo constituída pela junção da cultura local com as culturas indígenas e a advinda da África. Existe literatura popular basicamente em toda a América do Sul. Na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Paraguai a literatura popular se desenvolveu através da cultura ameríndia. Já na Argentina e no Uruguai se desenvolveu a payada, estilo de poesia regional desenvolvida no Rio Grande do Sul.

Existe literatura popular expressiva na Venezuela e Colômbia, mas nos países andinos como Equador, Peru e Bolívia ela se confunde com a cultura ameríndia propriamente dita. A mesma coisa acontece no Paraguai. No restante dos países do Cone Sul, porém, ela aparece de forma muito abundante. No Chile, o aspecto poético é conhecido como poesia criolla e no Uruguai e Argentina existem as famosas payadas... (Op. Cit. LUYTEN, 1981, p. 37)

Com isso a literatura popular da América e do Brasil se deu através de lendas, contos e histórias locais e adaptadas dos modelos vindos de fora para se tornar um país rico em cultura popular. Com isso o Brasil se tornou o país que mais produziu literatura popular e o grande responsável por isso foi à literatura de cordel.

Podemos entender por literatura popular qualquer tipo de produção ou manifestação expressa por uma população. A literatura popular existe em toda a América Latina e em grande escala dentro do nosso país, sendo evidente dentro das regiões Norte e Nordeste. A produção literária popular mais comum em nosso país foi a literatura de cordel que é uma forma de produção literária antiga vinda da Europa e que se proliferou na América contaminando o Brasil de maneira geral.

A literatura de Cordel chegou ao Brasil de maneira retardada, quando estilos de literatura semelhantes já eram desenvolvidos em Portugal por volta de 1800, e só veio chegar ao Brasil no final do século trazido pela corte portuguesa. Até então este estilo de literatura popular produzida, muitas vezes, de maneira oral, ainda não era bem visto



por essas bandas do mapa, já que para muitos era uma maneira de literatura medieval que fazia oposição a Igreja Católica.

Por volta de 1890/1900, período em que o Parnasianismo se desenvolvia em nosso país, surgia a produção de cordel editorada por poeta Leandro Gomes de Barros.

Até fins do século passado, havia poesia popular regulamente manifestada em todo o Brasil. A maior parte da população era rural e, logicamente, devido às distâncias, o entrosamento era muito pequeno, ainda mais, tendo-se em vista os sistemas de comunicação de massa de nosso país (Luyten, Op. Cit., 1981 p. 10).

Os estados que tiveram o maior número de poetas difundindo a literatura de cordel foram: a Paraíba, Pernambuco e Ceará. Estados esses que até os dias atuais são líderes em poetas e produções de folhetim. Leandro Gomes de Barros foi o principal nome deste gênero de literatura. Foi também no Pernambuco onde ele produziu o seu maior número de obras nas cidades de Vitória de Santo Antão e Recife, principalmente, mas ainda em outras cidades, através de suas viagens para expor e vender os cordéis produzidos e editorados por ele.

A literatura de Cordel predominante no Nordeste, teve que se adaptar à ecologia e aos sentimentos do povo destes estados tão sofridos. Muitas desses sofrimentos como a seca, a dificuldade financeira e o coronelismo foram discutidos nos folhetins. Além destes temas os cordéis também tratava de temas da história do Brasil, fatos que estavam ligados a questões religiosas, ao misticismo, à vida campestre, crimes e casos de natureza universal que estavam em evidencia na sociedade. “A literatura de Cordel, como a cultura popular em geral, está catalogada como tradicional, arcaica, frequentemente medieval, em todo “a-histórica”” (NEMER, 2008, p. 17).

A literatura de Cordel quando chegou ao nosso país se expandiu mais na população rural tendo em vista o alto número de iletrados que existiam nessas localidades.

A literatura de cordel ultrapassou de várias maneiras suas limitações de literatura de mascate, atingindo no Brasil originalidade e uma amplitude tais que a qualificam como uma das mais ricas manifestações culturais brasileiras. Traduz a capacidade do povo brasileiro de se adaptar à novidade e integrá-la no seu cotidiano. (Op. Cit. NEMER, 2008, p. 18).

Analisando os escritores de cordel de nosso país, podemos observar que os nossos cordelistas espalhados país afora têm a função de intermediários na formulação do contexto comunicativo das diversas regiões através de seus cordéis, além dos repentistas e violeiros que possuem seu papel nesse processo. Esse intermédio de comunicação era mais comum nas décadas passadas pelo fato de principalmente as populações rurais, não possuírem formas de comunicação como existem hoje em dia e ficarem conhecendo fatos e acontecimentos do mundo através dos folhetins e dos desafios de viola. Neste período os cordéis regionais sempre tratavam de assuntos locais como enchentes, acidentes, confusões entre outros, além de acontecimentos nacionais e internacionais como guerras, morte de pessoas famosas e eleições pelo país. Havia os cordéis de caráter religioso que foram os primeiros que chegaram ao nosso país e que tratavam de milagres, ideias apocalípticas como do fim dos tempos. No avanço dos tempos os poetas seguiram o avanço do tempo e seguiram produzindo suas obras de acordo com a repercussão local, nacional e internacional.

Com o passar dos tempos essas produções de folhetins foram evoluindo gradativamente de acordo com vários fatores externos. Entre esses fatores devemos destacar principalmente a migração que aconteceu em grande número de moradores que antigamente residiam na zona rural em locais longínquos e isolados. Com essa mudança de cultura as produções também tiveram que se adaptar, as obras que até então eram produzidas voltadas para o campesinato tiveram que abordar temas urbanos. Além deste fator, vários outros contribuíram para a evolução do cordel. A mulher, que até então era tematizada de maneira restrita nas obras, tornou-se um tema mais comum. Além do fator educação, que o número de iletrados no país diminuiu assim como também a utilização das novas tecnologias nas histórias produzidas nos cordéis. A partir de então, os poetas de literatura popular não são mais em número analfabetos e que vivem na zona rural ou em cidades pequenas do interior. São de todos os ambientes sociais de nosso país passando a apresentar produções com costumes de vários locais. Pode-se também afirmar que o público leitor e ouvinte dos folhetins, em sua maioria, não são mais vaqueiros, comerciantes, ambulantes, agricultores, mulheres da vida, entre outros moradores da zona rural e gente desocupada da cidade. Os poetas populares hoje estão mais profissionais, estão se identificando como profissionais da literatura popular e identificando isto como uma profissão de respeito e respaldo dentro da sociedade. Podemos encontrar poetas apresentando seus cordéis em teatro, ministrando palestras para professores, recitando cordéis em sala de aula, não sendo mais comuns as

produções com agressões a pessoas e palavras de baixo nível. Não encontramos mais as cantorias de cordéis nas rádios e nem os desafios de cordelistas nas feiras no interior.

Em geral, no Brasil, mais precisamente no Nordeste do país, o cordel era produzido em papel de baixa qualidade, ou seja, no papel mais barato que existia para baratear o preço do produto cordel. Hoje em dia o papel mais comum para cordel é o papel ofício A4, o papel comum utilizado em escritórios e escolas mais acessível e barato, normalmente é utilizado em folhas na cor amarela para assemelhar com o papel antigo em sua tonalidade. Mas também encontramos cordéis de todas as cores, mostrando uma mistura plural de cores e história.

“É o formato padrão adotado desde os primórdios por Leandro Gomes de Barros, João Martins de Atayde, Francisco das Chagas Batista e outros poetas-editores. Os folhetos impressos no Nordeste medem geralmente 11 x 15,5 cm – um ofício dobrado em quatro partes...”. (VIANNA, 2014, Pág. 19).

Hoje em dia muitas editoras produzem os cordéis em grande quantidade e em diversos tipos de materiais desde os mais simples e baratos aos mais finos e sofisticados para o público mais exigente e refinado, cordéis estes de cordelistas de todo o país assim como a republicação de cordéis antigos. Exemplos disso são os cordéis *Pedro Cem*, *A vida e o testamento de Cancão de fogo*, *Juvenal e o Dragão*, *O cavalo que defecava dinheiro* e *A donzela Teodora* todos de Leandro Gomes de Barros. Podemos encontrar em todas as regiões do Brasil exemplares de obras de Leandro, como *O Cavalo que Defecava Dinheiro*, *Pedro Cem*, *O Boi Misterioso* entre outras obras cada uma com uma ilustração diferente em suas capas. Hoje em dia também encontramos muitos acervos de cordéis nas próprias escolas e bibliotecas municipais. Nestes folhetins as editoras utilizam-se de papéis de melhor qualidade, assim como uma impressão de alta qualidade para convencer os governantes e o seu público a escolher este produto.

Segundo LUYTEN (1981), o cordel produzido inicialmente no Brasil possuía um tamanho padrão, que era geralmente 11 x 15,5 centímetros, ou seja, as medidas que equivalem exatamente a uma folha de ofício dobrada em quatro partes. Assim eram feitos os cordéis pelos primeiros cordelistas no Nordeste brasileiro. Normalmente um cordel por ser produzido desta maneira, feito de uma folha dobrada em quatro partes. Os cordéis sempre possuíam o número de páginas correspondentes aos múltiplos de oito,

ou seja, os cordéis eram sempre produzidos de oito, dezesseis, trinta e dois, sessenta e quatro e assim sucessivamente mostrando cada vez mais que um cordelista tinha que possuir um talento incomparável para medir e padronizar suas obras de acordo com o número de páginas necessárias.

Nos dias atuais os cordéis necessariamente não possuem mais esse número de páginas múltiplo de quatro nem esse tamanho 11 x 15 centímetros pré-definido, ou cordéis hoje em dia por já serem inseridos em algumas escolas do Nordeste os cordéis possuem tamanhos bem maior se assemelhando muitas vezes no formato dos livros normais encontrados nas bibliotecas de todo o país. Além disso, a reprodução destes folhetins hoje mesmo não sendo tão popular como em anos anteriores o número de produção de cordel em todo o país se multiplica somando milhares de tiragem por gráficas e editoras de todo o país, consagrando novos poetas populares por todas as regiões do país, tratando também de temas atuais e reais além das tradições pejejas e fábulas de antigamente de maneiras atualizadas e recauchutadas. Além disso não existem mais os cordéis com as famosas xilogravuras nas suas capas e em suas páginas. Normalmente os cordéis atuais são todos feitos em computadores e impressos em cores vivas e brilhantes. Aliás a arte de produzir xilogravura hoje em nosso país encontra-se escassa, coisa que no início da existência do cordel em nosso país era enorme. Todos os cordelistas eram xilogravuristas.

Se perguntarmos a qualquer pessoa que é admirador de folhetins de cordel ou qualquer pessoa da sociedade sobre o que para ele chama mais atenção em um cordel, em sua grande maioria ira responder que são as capas dos cordéis. Pois em sua grande maioria apresentam gravuras na capa sempre com imagens que condizem com o tema abordado no cordel. Essa estratégia abordada serve para torná-los mais atrativos ainda, animados e alegres. Sabemos que existem cordéis com capas lisas só com nomes e números na maioria das vezes por causa dos temas abordados, mas em sua grande maioria apresentam as “xilogravuras”.

No inicio das produções de cordéis em nosso país e com o evidente problema de custo por ser uma produção de baixo investimento financeiro, os cordelistas que até então só colocavam o nome do cordel e o seu próprio nome nas capas dos cordéis, passaram a enfeitar os seus cordéis com gravuras na capa para torná-las mais atrativas. Essas produções começaram a ser realizados inicialmente através do processo de zincogravura que era bem comum na época na produção de baralhos, rótulos de

cigarros, bebidas e medicamentos. Por esse tipo de produção era demasiadamente caro pelo fato das pedras calcárias serem importadas. Então os poetas passaram a utilizar uma maneira de produção que barateasse o custo passando a utilizar-se de madeira. Por esse motivo passou a ser chamado de xilogravura. As xilogravuras ficaram tão famosas que passaram a ilustrar não só cordéis mas também a ser apresentadas em livros e quadros que hoje em dia constituem um produto valioso de exportação.

A xilogravura era produzida na madeira pelo poeta popular, com um instrumento com lâmina. Podia ser tesoura, gilete, faca, peixeira, quicé, canivete ou qualquer outro instrumento desde que fosse afiado para que pudesse retirar as tiras da madeira, formando as imagens mais diversas: fadas, anjos, animais com mais pernas do que o comum, árvores que voam e outra coisa que a imagem do cordelista pensava. A xilogravura sempre é impressa em uma única cor e produzida na madeira de trás para a frente para quando for transferida para o papel fique na posição correta.

A xilogravura é técnica de produção simples, mas bastante refinada. Poucas pessoas hoje no Brasil possuem esse dom de produzir artes rústicas em madeiras. Muitos xilogravuristas do país adaptaram a produção para a realidade financeira, produzindo xilogravuras em material acessível como madeira MDF, isopor liso, borracha de pneus dentro outros matérias que o xilogravurista possa encontrar.

O primeiro xilogravurista conhecido foi o pai da Literatura de cordel, Leandro Gomes de Barros, que produzia suas próprias obras. Possivelmente ele fazer a própria impressão das capas dos seus cordéis em formato de xilogravura, podendo ser considerado o pioneiro também nessa arte. Luyten(1981), em sua obra "*O que é literatura popular*", afirma que quem começou a arte de produzir xilogravuras foi o Mestre Noza na cidade de Juazeiro do Norte no estado nordestino do Ceará. Ele diz que Mestre Noza sempre foi santeiro, ou seja, produzia estátuas e imagens de santos para vender, além de outras artes com talhadeira. Até que então resolveu começar a produzir artes em madeira, esculpindo tabuinha para ilustrar as capas dos cordéis. Levando em considerações que o cordel, por ser um estilo de literatura popular que possui um número elevado de plágio e que não existe nenhuma lei nem métodos de registro não podemos afirmar com certeza quem criou esta arte chamada Xilogravura.

Essas xilogravuras passaram a ser utilizadas nos cordéis para o desejo do que o cordelista expressar em seu cordel, que com o passar dos anos foi deixando de lado pela

difícil condição de ser produzido pela utilização de desenhos nas capas dos cordéis. Hoje em dia todos os cordéis possuem ilustrações em suas capas, seja em xilogravuras ou em desenhos que tentem copiar o estilo apresentado pela xilogravura ou simples desenhos produzidos muitas vezes com o apoio da tecnologia em programas apropriados em computadores e não mais a mão. Portanto hoje, em dia nem todo cordelista é mais xilogravurista, e nem todo xilogravurista é cordelista, ou seja, nem sempre quem vive de cordel faz as capas dos seus cordéis utilizando da arte de xilogravar, e nem todos os xilogravuristas usam suas artes para abrilhantar cordéis e sim para apreciação popular em quadros e até mesmo em exposição da própria arte na madeira.

## 1.2- Características da Literatura de Cordel

Partindo para a forma estrutural de um cordel podemos perceber a semelhança com a forma de um poema, normalmente o cordel é produzido em verso. É essa sua forma. E a sextilha é o tipo de estrofe mais comum. Essa é a forma mais conhecida entre os cordelistas. Leandro Gomes de Barros, sempre em seus folhetins, utilizava-se de sextilhas rimadas.

Exemplo:

*Historia da Princesa da Pedra Fina, Leandro Gomes de Barros.*

No Reino da Pedra Fina – 1  
 havia uma princesa, - 2  
 misteriosa, encantada, - 3  
 numa obra da natureza – 4  
 com ela as duas irmãs, - 5  
 que eram a flor da beleza. – 6

Não é muito comum, mas podemos encontrar folhetins com estrofes de sete versos, décimas e quadras, ou seja, de sete, que é a mais difícil de encontrar, de dez que ainda encontramos, e as de quatro versos que hoje não são tão comuns, mas era a forma clássica no início das produções, pelo fato das cantorias serem inicialmente de quatro versos para rimar melhor. Com o passar dos anos, mudou para o número de seis versos em cada estrofe, ou seja, as sextilhas, que se tornou a estrofe mais comum.

Os primeiros poetas de literatura de cordel, Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde entre outros, eram muito fiéis à forma estrutural de seus cordéis, ou seja, eram perfeccionistas quanto ao número de versos em cada estrofe. Seus folhetins eram produzidos de forma fixa. “Chamamos de poema de forma fixa aqueles poemas que obedecem a uma organização definida previamente, geralmente com número fixo de estrofes e/ou de medidas dos versos”. (CUNHA, 2012, Pág. 48). Isso se dá também pelo fato de suas produções sempre se referirem a pelejas, desafios, contos, entre outros temas que os tornam ainda mais atraentes nos seus folhetins.

Os grandes poetas de literatura de cordel, como Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde seguiam à risca os padrões de métrica e rima dos versos em seus folhetins, coisa que na atualidade os cordelistas não observam. Leandro Gomes de Barros, por exemplo, empregava, em seus cordéis a redondilha maior (versos metrificados com sete sílabas poéticas). Segundo Cunha (2012), a métrica é a medida do tamanho do verso a partir do número de sílabas poéticas. No Brasil, o sistema de métrica usado é a silábico-acental, que mede o tamanho dos versos verificando a posição dos acentos tônicos, ou seja, a sílaba mais forte da última palavra. Essa separação das sílabas poéticas é muito semelhante ao método gramatical, havendo apenas, algumas mudanças seguindo o ritmo dos versos, como a junção de algumas sílabas, ou outras divisão que não ocorria na gramática ou simplesmente o desaparecimento das mesmas. É possível observar esta metrificação na sextilha a seguir do cordel “*A História do boi Misterioso*”, de Leandro Gomes de Barros.

A / va/ca/ mis/te/ri/o/sa – 7 sílabas  
 não/ hou/ve/ mais/ quem/ a/ **vi**/sse, - 7 sílabas  
 o/ do/no/ não/ se im/por/**ta**/va – 7 sílabas  
 que e/la/ tam/bém/ se/ su/**mi**/sse, - 7 sílabas  
 po/di/a a/té/ pe/gar/ **fo**/go, - 7 sílabas  
 que/ na/ fu/ma/ça/ su/**bi**/sse. – 7 sílabas.

Podemos observar que os versos dessa estrofe são redondilha maior, ou seja, possui sete sílabas poéticas, assim determinando o ritmo do cordel. Para isso foi necessário a junção de pares de sílabas terminadas e iniciadas com vogais. A sílaba depois da última sílaba tônica também não foi somada às demais.

Observando o ritmo de um cordel que por muitos cordelistas é considerada a alma de sua história, vê-se que é possível que seu cordel seja lido de maneira lenta, rápida, ou até mesmo recitada ou cantada. Para isso é preciso fazer uma seleção de palavras que combinem, muitas vezes sem levar em conta até o significado da palavra, apenas observando o apelo sonoro por aquela rima. Com isso podemos definir rima como a semelhança de sonoridade entre as palavras, mas devemos saber que não é uma simples semelhança entre os sons das palavras finais de um verso, mesmo que alguns usem dessa forma. A rima é a semelhança entre sons de palavras, podendo estar em posições diferentes na palavra, ou seja, não precisamente no final da palavra, mas também dentro da palavra. Existem ainda dois tipos de rima, a toante que a semelhança é entre a vogal tônica, e a rima consoante, cuja rima, além da vogal, apresenta também semelhança com a consoante seguinte. A distribuição da rima de uma estrofe acontece de acordo com a ordem de repetição da rima nos versos: a primeira rima leva a letra A, a segunda letra B e assim até o final da estrofe. Leandro Gomes de Barros, em seus cordéis, emprega a distribuição no formato ABCBDB. Observe as estrofes dos cordéis *O Cachorro dos Mortos* e *História de João da Cruz*.

*O Cachorro dos Mortos*, Leandro Gomes de Barros.

O rapaz chegou em casa – A  
 o velho tinha saído, - B  
 foi ver se achava um jumento – C  
 que há tempos tinha sumido, - B  
 um amigo lhe escreveu – D  
 que tinha lá aparecido – B

*História de João da Cruz*, Leandro Gomes de Barros.

João enquanto era pequeno – A  
 a mãe o aconselhava; - B  
 ele nada lhe dizia – C  
 porém não acreditava – B  
 e fazia-lhe outros gostos – D  
 porém este lhe negava – B

Sobre os poetas de cordel, podemos afirmar que existe um número incontável de escritores. Iremos citar os mais importantes e relevantes para o desenvolvimento da



literatura popular do Brasil. Não podemos esquecer do maior, o pai da literatura de cordel no país, Leandro Gomes de Barros, de quem iremos tratar no capítulo seguinte. Além de outros cordelistas nordestinos que tiveram a sua parcela de contribuição para o fortalecimento deste movimento de literatura popular, podemos destacar João Martins de Athayde, Apolônio Alves dos Santos, Cego Aderaldo, Elias A. de Carvalho, Francisco Teixeira de Amaral, Francisco das Chagas Batista, João Melchiades Ferreira, Manoel Camilo dos Santos, Mestre Azulão e Patativa do Assaré.

## CAPÍTULO II. A OBRA DE LEANDRO GOMES DE BARROS

### 2.1- Leandro Gomes de Barros: Nascimento e vida

#### *LEANDRO POR ELE MESMO*

Os traços de Leandro Gomes de Barros

A cabeça, um tanto grande e bem redonda,  
o nariz, afilado, um pouco grosso:  
as orelhas não são muito pequenas,  
beijo fino e não tem quase pescoço.

Tem a fala um pouco fina, voz sem som,  
cor branca e altura regular,  
pouca barba, bigode fino e louro,  
cambaleia um tanto quanto no andar.

Olhos grandes, bem azuis, Têm cor do mar:  
corpo mole, mas não é tipo esquisito –  
tem pessoas que o acham muito feio,  
mas sua mãe, quando o viu, achou bonito!

Esta é uma autodescrição feita pelo escritor presente na capa do folheto *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo*, umas das suas principais obras e uma descrição de maneira popular e pejorativa demonstrando de maneira cômica como Leandro alto avaliava.

Leandro Gomes de Barros nasceu na fazenda Melancia, no município de Pombal no estado da Paraíba (Devido à criação da cidade de Paulista que pertencia ao município de Pombal em dezembro de 1961, a fazenda Melancia passou a pertencer ao município de Paulista e não mais a Pombal, continuando assim até os dias de hoje). A casa onde Leandro viveu sua infância não existe mais. Apenas as ruínas e alguns tijolos foram preservados por historiadores e pesquisadores da vida de Leandro Gomes de Barros. Hoje ainda existem várias pessoas que vão ao local onde nasceu o pai da literatura de cordel. Até os dias de hoje Leandro é considerado “filho de duas mães”, sendo idolatrado tanto pela população de Pombal sua primeira cidade possuindo nome de rua no centro da cidade, espaço na biblioteca da Academia de Letras da cidade, ambientes escolares entre outras homenagens assim como na cidade de nascimento atual: Paulista

onde em seu nome possui ruas, entre outros marcos. Ele nasceu no dia 19 de novembro de 1865. O local de nascimento não se sabe ao certo, possivelmente na sua própria casa por alguma parteira da região. Leandro era filho de dona Adelaide Xavier de Farias que era filha de Dona Antônia Xavier de Farias e Manoel Xavier de Farias verdadeiros donos da fazenda Melancia, local onde Leandro deu seus primeiros passos. O pai de Leandro Gomes de Barros era José Gomes de Barros Lima que morreu quando Leandro ainda era criança. Leandro viveu toda a sua infância no sítio Melancia até que sua mãe morreu e ele passou a ser cuidado pelo seu tio materno o padre Vicente Xavier de Farias (1822-1907).

O padre Vicente Xavier de Farias, além de irmão de dona Adelaide Xavier de Farias, também havia estudado no seminário com José Gomes de Barros Lima, o pai de Leandro o que leva a crer que o poeta recebeu influência para leituras na própria família, pois era nas casas de padres que nos séculos passados, os acervos de livro eram maiores, tornando possível a alfabetização no meio doméstico. Vicente, além de padre, era político, chegando a ser deputado. Ele tinha desavenças e com Leandro não foi diferente, pois tratava de maneira ríspida toda a sua família. Leandro não mantinha uma relação harmoniosa com o tio. Ele suspeitava que seu tio estava repassando a herança de sua família para outras pessoas de sua confiança, sem que ninguém desconfiasse deixando assim Leandro e seus irmãos sem muitas condições financeiras. Além deste fator, Vicente maltratava bastante Leandro, o que levou o poeta a ir embora de casa para se livrar dos maus tratos do tio. Ele guardava tanto rancor pelo tio que, após o seu casamento, resolveu mudar o seu nome da certidão de casamento, Leandro “Xavier de Farias”, que era o mesmo sobrenome do seu tio, para o sobrenome de seu pai por completo, “Gomes de Barros”, ficando assim estabelecido seu nome como “Leandro Gomes de Barros”. Leandro, deste então, cresceu com pensamento de liberdade, buscando a igualdade e a usar da sua inteligência para sobreviver. Muitos desses sofrimentos refletem-se em várias de suas obras, como por exemplo, em *Cancão de Fogo*, onde o protagonista da obra pode ser uma representação da imagem de Leandro ainda criança, que teve que fugir de casa e deixar de estudar, passando a viver com menos do que o pouco que ele já vivia.

Leandro abandonou a escola e fugiu de casa ainda adolescente, tendo passado por muitas privações. Qualquer semelhança com a história de *Cancão de Fogo* e Alfredo, personagens criados pelo mestre de Pombal, talvez não seja mera coincidência. (VIANNA,2014, pág. 39).

Segundo Diéguer Júnior (1986), no município de Pombal, com 10 anos, após as mortes de seus pais, ele foi morar na cidade de Teixeira, também no alto sertão paraibano, que era centro histórico da produção versificada. Lá morou até os 15 anos, até quando resolveu fugir para ir viver andarilhando pelo Norte e Nordeste do país. Ele não demonstrava muita luxo, mas andava de maneira elegante, bem vestido. Viajava no lombo de burros e cavalos e também em trens. Conheceu muitas cidades da região, utilizando de sua arte para alegrar quem frequentava os cafés mais populares nesta época no Norte e Nordeste de nosso país. Leandro vivia uma vida boêmia, o que impossibilitou-lhe de possuir uma casa fixa em uma cidade. Sempre morava em casas alugadas. É possível em alguma de suas obras encontrarem respingos dos locais e pessoas com quem conviveu durante suas andanças pelo Brasil afora.

A partir do ano de 1889, então com 24 anos de idade, Leandro começou a produzir seus próprios folhetins se tornando o primeiro a escrever e editar suas próprias histórias em verso. Viveu então viajando pelo Nordeste produzindo, recitando e vendendo suas próprias obras. Leandro Gomes de Barros foi o pioneiro nesse tipo de produção em nosso país, por ter uma organização e uma comercialização em número elevado. Por ser uma pessoa bem instruída, articulava-se bem com todos que fazem parte dos antigos caminhos e rotas terrestre do Nordeste. Quando viajava como passageiro, transportava malas de folhetins, popularizando o máximo possível os cordéis. Depois, com sua vida já estabilizada, foi morar inicialmente em Vitória de Santo Antão em Pernambuco, em meados dos anos de 1880. Em seguida passou a residir em Palmares e Jaboatão no estado de Pernambuco, deixando evidente o espírito de liberdade do poeta. Por último veio a residir na capital pernambucana, Recife, onde permaneceu até a morte.

“De Teixeira, Leandro mudou-se para Vitória de Santo Antão, perto do Recife. Em Vitória começou a escrever e publicar folhetos, e continuou a fazê-lo até sua morte em 1918. Ao que se sabe, vivia somente de sua poesia e da publicação da sua obra e a de outros poetas. (Op. Cit., DIÉGUER JÚNIOR, 1998, Pág. 318).

O poeta casou-se com dona Venistiana Eulália de Sousa, por volta do ano de 1890. Antes do casamento, chegou a ter um namoro na adolescência com a sua prima, Ana Ermelina de Castro. Este relacionamento não veio a vigar, com isso veio o

casamento com dona Venistiana. Eles tiveram vários filhos, entre eles Esaú Elóy, que foi o único filho homem de Leandro, sendo o orgulho do pai, que nasceu no ano de 1900 e seguiu a vida militar participando da Revolução de 24 e da Coluna Prestes. Além dele, o pombalense teve as filhas Herodías, Julieta e Raquel, que era casada com o também poeta Pedro Batista. Raquel logo após a morte de seu pai, foi quem primeiro administrou suas obras juntamente com o seu marido. Logo em seguida este acervo de Leandro foi vendido com a assinatura de seu filho Esaú e sua esposa Venistiana ao também poeta João Martins de Athayde no ano de 1912, que foi quem começou a reproduzir a partir de então as obras do pombalense.

Hoje em dia, devido ao alto número de plágio que ocorreu após sua morte a grande maioria de suas obras estão catalogadas no nome de outros poetas como João Martins de Ataíde e Manuel Bernardo que compraram as obras de Leandro e deram continuidade à venda de seus cordéis.

Segundo VIANNA (2014), João Martins de Athayde, nasceu em 23 de junho de 1877 na cidade paraibana de Ingá do Bacamarte. Devido à grande fama que Leandro adquiriu quando ainda era vivo. Martins de Athayde era um desses grandes fãs de Leandro. Logo começou a se espalhar que as obras de poeta mestre estavam sendo plagiadas por escritores. Martins de Athayde já estava afirmado na Paraíba como um poeta de grande popularidade, mas era comumente criticado por só escrever obras inspiradas em histórias clássicas da literatura, e em alguns filmes populares na época. Além de outros tipos de folhetos que pela falta de senso irônica e crítico não possuíam uma grande aceitação do público leitor. A partir de então com sua ganância e ambição de ser um poeta igual ou maior que Leandro, Martins de Athayde não mediu esforços para tentar comprar o acervo de Leandro, que era administrada pela viúva do poeta. Tamanho foi o assedio que Martins de Athayde conseguiu comprar o acervo do Pombalense. Martins de Athayde começou a editar e produzir os cordéis de Leandro por todo o Nordeste. Aos poucos ele, com sua ambição, começou a colocar nas obras o seu nome ao lado do nome de Leandro. Logo em seguida seu nome em destaque maior. E com o passar dos anos ele suprimiu o nome do poeta, colocando apenas seu nome como de poeta chefe das obras de Leandro. Inicialmente Athayde ainda chegou a sofrer críticas de outros poetas por esse ato, mas aos poucos começou a ganhar fama chegando até algumas pessoas creditar realmente as obras a ele. Com o passar dos anos, João Martins de Athayde criou fama com as obras de Leandro. Até os dias de hoje ainda existe a dúvida de pessoas sobre a verdade autoria de alguns folhetins.

O grande Poeta Leandro veio a falecer na cidade de Recife no Pernambuco, em 4 de março de 1918, quando estava com 53 anos de idade. No ano de 2015 foi comemorado em todo o Brasil os cento e cinquenta anos do pai da literatura de cordel. Obviamente hoje em dia não podemos mais encontrar descendentes diretos do poeta, mas as suas obras não deixam mais que o seu nome seja esquecido da história da literatura popular de nosso país, sendo trabalhadas hoje em dia em diversos estados como um grande influenciador da literatura regional de nosso país.

Leandro Gomes de Barros foi um poeta popular versátil. É possível encontrar no seu vasto acervo de folhetins histórias com os mais diversos temas. Leandro geralmente escrevia suas obras demonstrando muito sarcasmo, sobre a justiça, a desigualdade social, etc:

“Ele devia sentir um desejo e mesmo uma obrigação, como poeta do povo, de críticas a falta de justiça daquela época, e de oferecer soluções, embora muitas vezes jacosas ou pessoais, para os problemas da sociedade. (JÚNIOR, 1998, Pág. 318).

## 2.2- Principais obras

Leandro representava o gênero da poesia crítica. Nos folhetos do cordelista essa crítica servia como maneira de apresentar a cultura nordestina, assim como ter olhos críticos sobre os problemas. Para tanto, Leandro escreveu obras dentro de oito ciclos, ou seja, abordou oito temas em seus folhetins: A religião, onde Leandro demonstrava seu conhecimento religioso por vir de família de seminaristas assim como apresenta críticas às maneiras e abusos da Igreja. É em temas religiosos que encontramos os melhores folhetos de Leandro. Mesmo sendo um fiel católico, não se opunha a apresentar as irregularidades e a cobiça apresentada pelos padres. Era satírico em suas obras. No cordel *O Dinheiro*, a corrupção do clero não passou em branco, foi direto na sua crítica.

Coitado! Disse o vigário  
de que morreu esse pobre?  
que animal inteligente!  
que sentimento tão nobre!  
antes de partir do mundo  
fez-me presente do cobre.

Por ser um homem de forte fé, Leandro não abordou a religião apenas com as críticas, mas também fez o público leitor rever algumas atitudes. Isso ficou evidente no cordel *A História de João da Cruz*.

João da Cruz no sonho disse:  
 -existe deus, é verdade!  
 minha mãe bem que me diz  
 que embora cedo ou mais tarde  
 eu hei de ter uma prova  
 da suprema divindade.

O segundo ciclo de suas obras são “os tempos difíceis”, onde supostamente Leandro vivia. Traços dos nordestinos assim como evidencia os reflexos de sua própria infância. Os tempos difíceis eram abordados por Leandro para retratar os momentos de dificuldade que os brasileiros viviam mais precisamente no Nordeste, demonstrando as dificuldades na vida, Leandro retrata queixas sobre a miséria, a opressão sofrida pelos pobres, e a falta de moral. No cordel *A Vida Alheia*, Leandro trata desse ciclo de produção fazendo protestos sobre os povos da época as coisas e ação que o eles realizavam.

O tempo está como vemos  
 a crise ainda mais feia,  
 só se quer comprar fiado  
 e falar da vida alheia.

...

Contei uma ocasião  
 que o vizinho era ladrão  
 e uma velha namorava  
 foi apenas o que contei.

Outro tema tratado por Leandro é “os estrangeiros no Brasil”. Ele procura sempre ridicularizar a imagem dos estrangeiros que vieram morar no Nordeste. Os estrangeiros mais “chacoteados” por Leandro eram os ingleses, que viviam na região trabalhando nas estradas de ferro na época em que Leandro peregrinava pelo Nordeste, e os portugueses, que eram os grandes comerciantes que existiam no Brasil naquela época.

*As aflições da guerra da Europa*

Novecentos e quatorze  
corria sem novidade  
todas nações da europa  
contavam prosperidade  
não esperavam tão cedo  
a mão da fatalidade.

Os folhetins de cordel tinham uma particularidade, que era abordar temas atuais, e Leandro por ser um severo crítico das desigualdades e um defensor da liberdade, não poderia deixar este ciclo de temas de fora de seus folhetins, que era O governo, a política e a guerra. O Brasil vivia sérios problemas nessa época e no Nordeste isso foi mais evidente. O povo vivia passando momentos difíceis causados pela seca que o assombrava, além dos altos valores cobrados em impostos e a corrupção que existia no Brasil, que provocava o sofrimento dos mais pobres, além da primeira guerra mundial que estava para explodir no mundo. Esses problemas não foram esquecidos por Leandro, no cordel *Os impostos da honra*.

Agora se querem ver  
o cofre público estufado  
e ver no rio de janeiro  
o dinheiro armazenado?  
mande que o governo cobre  
importo de deshonrado.

Apesar de Leandro Demonstrar ter sido um apaixonado por sua mulher e ter um bom relacionamento com sua sogra, ele produziu muitos cordéis sobre essa temática, principalmente sobre as sogras. Para Leandro a mulher era um ser que tirava a liberdade do homem.

*Vaccina para não ter sogra*

.....

Porque um casal sem sogra,  
é um trem sem condutor  
uma venda sem patrão,  
e um serviço sem feitos,  
é como um sitio sem dono,  
quem quer que seja o senhor.



Como os nordestinos, na grande maioria, eram pobres e buscavam no jogo a melhoria de vida, Leandro abordou este ciclo com a intenção de demonstrar o sertanejo buscando a sorte para mudar de vida além do vício. No cordel *O Soldado Jogador*, Leandro retrata a esperteza do homem que fez de tudo para ganhar no jogo de baralho.

Por isso compro um baralho  
e rezo nele constante  
mas que reza há em baralho?  
perguntou o comandante  
há! tudo da escritura  
velha, nova, assim por diante.

A preferência do nordestino sem sombra de dúvidas era a cachaça, aliás, ainda é. Leandro Gomes de Barros não deixou o ciclo da cachaça e a aguardente de fora das suas histórias. De maneira cômica, tentava provar em seus folhetins as qualidades atribuídas pela aguardente, além de instituir a cachaça como uma criação divina, ou seja, uma dádiva deixada por Deus na Terra. No cordel *A defesa da aguardente*, pode-se observar a idolatria que Leandro apresentava em suas obras pela aguardente.

Todos falam da aguardente  
eu não digo nada d'ella,  
até hoje tenho dito  
é bebida muito bela,  
porque diversos prodígios  
se tem encontrado n'ella.

### **2.3 Obra e autores influenciados por Leandro**

Leandro foi o primeiro poeta a viver exclusivamente da produção e edição de cordel no Brasil, tendo escrito mais de setecentas histórias e editado mais de dez mil folhetos de temas diversos, podendo-se destacar as seguintes obras: *A história do boi misterioso*, *O cachorro dos mortos*, *A História da donzela Teodora*, *As proezas de um namorado mofino*, além de *O cavalo que defecava dinheiro* e *O testamento do cachorro* que serviram de base para outro grande poeta nordestino escrever uma de suas obras, que foi Ariano Suassuna na obra *O auto da compadecida*.

Ariano Suassuna (1927-2014), paraibano de nascimento, assim como Leandro Gomes Barros, nasceu na capital do estado João Pessoa. Foi um dos maiores romancistas do Brasil, produzindo suas obras baseadas no erudito brasileiro a partir das raízes populares de nossa cultura. Teve seu nome colocado no patamar dos grandes escritores brasileiros, quando escreveu *Auto da Compadecida*, uma peça extremamente bem sucedida, mostrando a união entre a cultura popular e o erudito. Ariano Suassuna era um dos grandes admiradores dos folhetos de Leandro Gomes de Barros, seguiu as ideias dos cordéis de Leandro, entretanto, é de bem antes que Ariano era interessado nas raízes populares da arte e da literatura nordestina, ou seja, os repentes e os folhetins atraíam a atenção do romancista. No ano de 1949, Ariano escreveu sua primeira peça baseada em folheto de Leandro. Trata-se da peça *Auto de João da Cruz*, que era baseada nos folhetos: *História de João da Cruz*, *História do Príncipe do Reino do Barro Branco e a Princesa do Reino do Vai-não-torna* e *O Príncipe João sem Medo e a Princesa da Ilha dos Diamantes*, sendo o primeiro folheto de autoria de Leandro Gomes de Barros.

*A História de João da Cruz* conta a história de um jovem que não crê na existência de Deus e seus fundamentos, filho de pais muito religiosos, que sempre tentava provar ao filho a existência de Deus que teimava em não acreditar. Até que certo dia tem um sonho coisa que nunca tinha tido. Neste sonho ele diz a mãe que Deus existe, ao acordar, João da Cruz se converte e se torna um crente em Deus. Até que um dia é atentado pelo Diabo e deixa a sua salvação ir por água abaixo. Com vinte dois anos ele morre e vai para o julgamento final, lá Jesus diz que João foi condenado e não tem salvação, o Diabo o que levar para o inferno. O pobre apela para a ajuda de nossa senhora, que insiste para que seu filho mude de ideia, mas ele não quer até que Maria convence-o fazendo Jesus dar a salvação de João da Cruz. A Obra *História de João da Cruz*, de Leandro Gomes de Barros, apesar de ter sido base para a obra *Auto de João da Cruz*, juntamente com outros dois cordéis, que infelizmente não possui registro para uma análise, pode-se também perceber de reflexo no auto da compadecida, mesmo não sendo obra declarada de expiração para Ariano Suassuna. No *Auto de João da Cruz* e *Auto da Compadecida* ambas apresentam um julgamento final de um ser que por suas razões não crê em Deus e que será condenado a queimar no fogo do inferno onde o diabo convence Jesus a isso, até que nas duas histórias João da Cruz (*Historia de João da Cruz*) e João Grilo (*Auto da compadecida*) fazem seu ultimo apelo clamando pela ajuda de Nossa Senhora até que a mesma o salva.

*História de João da Cruz*  
Leandro Gomes de Barros

*Auto da Compadecida*  
Ariano Suassuna

Disse Maria Santíssima:  
- Vou ver se falo por ti,  
Disse Satanás: - Senhora,  
Não vá, que estou aqui,  
A sentença já foi dada,  
Não há mais recurso aí.

Disse o Demônio a Maria  
- Não vejo aqui quem dê jeito,  
Jesus já deu a sentença,  
Não me negou o direito;  
Ele é quem manda e governa,  
O que fizer está feito.

O Diabo:  
Lá vem a compadecida!  
Mulher em tudo se mete!  
Maria:  
Meu filho, perdoe esta alma,  
Tenha dela compaixão!  
Não se é dar mais gosto ao cão:  
Por isto absolva ela,  
Lançai a vossa benção.

Observando esses dois trechos das duas obras pode-se observar a imagem do julgamento final com a presença de Maria (Compadecida) e do Demônio, decidindo sobre a salvação ou condenação de João da Cruz e João Grilo.

Mas foi no ano de 1955, com *Auto da Compadecida* que Ariano conseguiu expressar suas vivências e conhecimentos de literatura popular para o teatro. Na sua peça onde retrata as ideias e personagens baseada no mundo nordestino.

“Foi somente em 1955, com o *Auto da Compadecida*, que realizei pela primeira vez uma experiência satisfatória de transpor para o Teatro os mitos, o espírito e os personagens de folhetos e romances”. (JUNIOR, 1986, Pág. 185).

O *Auto da Compadecida* é uma peça de Ariano Suassuna que assim como o *Auto de João da Cruz*, baseada em três folhetins, discutindo a cultura nordestina, apresentados pelos poetas populares a exemplo de Leandro Gomes de Barros. A peça é dividida em três atos, dos quais dois são baseados em cordéis de Leandro. O primeiro ato é baseado no cordel *O Dinheiro*. No cordel retrata a história de um rico inglês que após a morte de seu cachorro, que era seu parceiro de todas as horas, decide solicitar ao padre que realize o enterro do animal com todas as honrarias que se fazem necessárias com a utilização de velório em latim, de pronto o enterro foi negado pelo padre, mas que depois de saber do testamento que o cachorro deixou para o padre aceitou fazer o enterro definindo vários sacrilégios e revelando o lado podre da igreja católica. Já no ato do *Auto da compadecida* acontece coisa semelhante, só que a cachorra é da fútil mulher

do padeiro. O segundo ato foi baseado no cordel *O Cavalo que defecava dinheiro*, também de Leandro Gomes de Barros. Neste cordel retrata duas histórias, a primeira de um pobre morador de Macaé que resolve inventar para o coronel da cidade que seu velho cavalo descome dinheiro para que o mesmo compre o cavalo. Só que o cavalo não faz tal feito, gerando a segunda história. Onde o astucioso homem resolve colocar uma bexiga de sangue dentro da roupa de sua mulher para simular que a esfaqueou para ressuscitá-la com uma gaita benta, fazendo o coronel mais uma vez acreditar na sua falcatrua. Já no *Auto da Compadecida* a história se passa com um gato do personagem Chicó que João Grilo tenta vender para a mulher do padeiro, para ela esquecer da cachorra que morreu. A segunda história é utilizada para fazer Chicó e João Grilo escaparem dos cangaceiros com a história da gaita de reviver os seres. O terceiro ato é baseado no cordel *O castigo da soberba* que não é de autoria de Leandro, que retrata a passagem do julgamento final antecedida por Maria mãe de Deus, embora também apresente semelhanças com o cordel *A História de João da Cruz* de Leandro Gomes de Barros.

### **CAPÍTULO III. A ASTÚCIA EM DOIS POEMAS DE LEANDRO GOMES DE BARROS: *A DONZELA TEODORA E O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO*:**

Diante de toda a nossa vida vivemos com a marca de que o brasileiro é um ser malandro, que em muitas ocasiões usa de sua esperteza para sobreviver ou se sair melhor nos momentos difíceis ou no que faz. Isso pode ser resultado de nossa colonização e da miscigenação de culturas que aqui desembarcaram e “misturaram” com nossos índios fazendo com que fôssemos uma mistura homogênea que desde os indígenas que aqui moravam, os portugueses, escravos africanos e europeus de outras nações além de Portugal. Esse processo pode ter influenciado na conduta dos seres que aqui habitam fazendo existir na sua grande maioria seres espertos, rótulo esse que nunca perdemos e que nunca iremos perder. O brasileiro utiliza da sua astúcia para faltar ao trabalho ou à escola, para ganhar dinheiro, para burlar leis e não pagar impostos, além de outras artimanhas muitas vezes sem muita maldade, mas sim com muita esperteza para sobreviver ou passar bem.

Sendo convictos da nossa malandragem e de que utilizamos sempre de nossa astúcia, as produções literárias que são muitas vezes a imagem e semelhança do povo, podem ser vista insistentemente em obras literárias brasileiras a imagem do ser astucioso que se utiliza de sua astúcia para sobressair em algum tipo de dificuldade.

Nas principais obras da literatura brasileira podemos identificar a imagem destes personagens astuciosos que se utilizam de sua esperteza. Na obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, essa temática está presente na imagem dos meninos de rua da Bahia que vivem do furto, mas que por serem órfãos e moradores de rua utilizam-se deste recurso para sobreviver sem perder em muitos momentos a inocência presente nas crianças.

Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminoso. (AMADO, 2004. Pág. 03).

Na obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, é a imagem mais perfeita do malandro brasileiro que se utiliza da astúcia para não trabalhar e viver apenas na vida boa. O protagonista engana seu próprio irmão para manter um relacionamento com sua mulher. Mesmo que Mário de Andrade se utilizasse do misticismo em alguns momentos a astúcia de Macunaíma está presente quando ele tenta recuperar sua pedra ou em momentos amorosos durante sua vida.

Na literatura de cordel a divisão temática também está presente. Podemos observar nos cordéis uma diversidade de temas, que variam de local para local de produção e de acordo com o público ouvinte. A astúcia é uma das temáticas mais abordadas pelos cordelistas, pelo fato da maioria dos cordéis serem baseados em histórias locais representando a imagem do pobre sofredor que vive em todas as regiões do Brasil, e com mais ênfase, no sertão Nordestino.

Extremamente diversificada, como se sabe, é a literatura do cordel. Tudo ou quase tudo serve de motivo aos poetas populares para escreverem seus folhetins. Desde os romances tradicionais, até assuntos históricos brasileiros, fatos ligados à religiosidade, ao misticismo, à vida campestre, desastres, crimes, acontecimentos mais recentes da atualidade mundial. (LOPES, 1994, p. 21).

O seu principal criador, Leandro sempre abordou a astúcia em suas obras. É em cordéis como *A vida de canção de fogo e seu testamento*, *O dinheiro*, *A Donzela Teodora*, *O cavalo que defecava dinheiro*, entre outros folhetins, que podemos encontrar a imagem do brasileiro menos favorecido que por vários motivos utiliza-se de sua astúcia para sobreviver em alguns casos. Essa astúcia inicialmente é utilizada com essa finalidade, mas o favorecimento o leva a gostar das “trapaças” e a utilizar-se deste recurso com mais frequência.

“Ele devia sentir um desejo e mesmo uma obrigação, como poeta do povo, de criticar a falta de justiça daquela época, e de oferecer soluções, embora muitas vezes jocosas ou pessoais, para os problemas da sociedade”. (DIÉGUES JUNIOR, 1986, P. 318).

Neste trabalho analisamos a imagem do pobre de Macaé no cordel *O cavalo que defecava dinheiro* e de Teodora no cordel *A História da Donzela Teodora*. *O Cavalo*

*que defecava dinheiro* ficou muito famoso por ter servido de base para a obra *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

Os eventos narrados no cordel se passam na cidade de Macaé no interior do estado do Rio de Janeiro, embora as descrições se assemelhem com as cidades do interior Nordeste por onde Leandro viveu e andou durante toda a sua vida onde em vários locais encontramos a imagem do coronel ambicioso e que aproveita-se de sua condição perante a sociedade e financeira para passar por cima de pessoas menos favorecidos, como empregados e moradores de suas fazendas, que vivem em condições humanas deploráveis fazendo com que as pessoas passem a utilizar a sua astúcia de maneira desonesta para conseguir se sair sobre essas autoridades. Essa temática é constantemente abordada na Literatura de Cordel. Os tempos difíceis vividos na época hora por outra aparecia como tema de cordéis.

“Assim é que o poeta popular se queixar da miséria da carestia na vida, da opressão, mais especialmente da falta de moral, ou seja, moral fibre. A universidade deste tema da Literatura de Cordel se indica por sua semelhança a outros folclores”. (DIÉGUES JUNIOR ,Op.: Cit., p. 319).

A história mostra o contraste entre duas pessoas de astúcia e índole distintas: de um lado, o velho Duque, que era um homem muito invejoso e que fazia de tudo para ser rico, mas era desprovido de inteligência aparente; de outro, o seu compadre, que era um pobre muito matuto, que vivia em um rancho onde, da sua esperteza, sustentava sua esposa e filhos. A situação do Duque era muito comum na época. Quem era rico, normalmente, não possuía inteligência nem estudo. Os mais necessitados desenvolviam sua esperteza com mais facilidade, pois isso os ajudava a sobreviver perante as dificuldades.

#### *O Cavalo que defecava dinheiro*

Esse Duque era compadre  
de um pobre muito atrasado  
que morava em sua terra  
num rancho todo estragado  
sustentava seus filhos,  
na vida do alugado.

Se vendo o compadre pobre

naquela vida privada  
foi trabalhar nos engenhos  
longe da sua morada  
na volta trouxe um cavalo  
que não servia pra nada.

A astúcia do pobre começou a ser demonstrada quando o mesmo resolve ir à venda para conseguir três moedas para levar para sua casa para colocar no ânus do magro cavalo que o mesmo tinha conseguido quando foi trabalhar nos engenhos. Sua intenção era conseguir vender o velho cavalo magro para o ambicioso e invejoso Duque, que faria de tudo para conseguir ser rico. O homem então colocou as moedas no ânus do cavalo para que todos pensassem que o mesmo descomia dinheiro.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

Do fiofo do cavalo  
ele fez um mealheiro  
saiu dizendo: sou rico  
inda mais que um fazendeiro  
porque possuo um cavalo  
que só defeca dinheiro.

Quando o Duque velho soube  
que ele tinha esse cavalo  
disse pra velha duquesa:  
amanhã vou visitá-lo  
se o animal for assim  
faço jeito de compra-lo.

O segundo momento de astúcia do personagem ocorre quando ele vai vender o cavalo para o Duque. Com sua astúcia, deixa ao duque entender que quem foi enrolado na história foi ele por ter vendido o seu cavalo que defecava dinheiro, que não passava de um magro cavalo. O Duque comprou o cavalo por apenas seis contos de réis e foi para casa feliz pensando que tinha feito bom negocio sem saber que o pobre tinha lhe passado a perna.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

- Compadre, o cavalo é seu  
eu nada mais lhe direi,  
ele, por este dinheiro  
que agora me sujeitei



para mim não foi vendido,  
faça de conta que dei.

Homem do “quengo” ligeiro logo se utilizou novamente da sua astúcia. Elaborou logo um plano para quando o Duque descobrisse que o cavalo só defecava o que todo cavalo defeca. Criou um plano de comprar uma borrachinha e mandou que sua mulher a enchesse de sangue de galinha e colocasse no peito. A ideia era a seguinte: quando o duque chegasse ele ia dar uma facada na borrachinha cheia de sangue para que ele pensasse que tinha sido na mulher do compadre, para em seguida ele diz que reviveu ela com sua rabeça.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

Disse o pobre a mulher  
faça o trabalho direito  
pegue esta borrachinha  
amarre em cima do peito  
para o velho não saber  
como o trabalho foi feito.

Quando ele vê você morta  
parte para me prender,  
então eu digo pra ele:  
o remédio tenho aqui,  
faço para o senhor ver.

O homem pobre não se cansava de passar a perna no Duque. Depois da história do assassinato da mulher ele criou uma nova história: ele possuía uma rabeça que fazia reviver o povo e tinha sido de uma pessoa que com ela tinha curado muita gente. Ele, então, usando da astúcia colocou seu plano em ação, usou a rabeça para que o Duque pensasse que sua mulher tivesse ressuscitado. Astucioso, não disse por quanto comprou, mas que onde seu dono morava ninguém morria. O pobre gerou a ambição do Duque, que até lhe pediu desculpas. Então, o Duque pediu ao compadre para lhe vender a rabeça. Inteligente que era, pediu logo seis contos de réis. O Duque era ganancioso, porém sem inteligência prêvia. Foi todo alegre para casa e em um momento de raiva quis verificar a veracidade de sua rabeça e deu quatro punhaladas na sua esposa. Foi quando então o Duque descobriu que mais uma vez o compadre tinha lhe passado a perna, ele ficou furioso e resolveu vingar a morte da sua esposa e os seis contos do cavalo com os seis da rabeça.

A partir deste momento, as astúcias do Compadre começaram a gerar um assassinato, tendo em vista que o Duque só deu uma punhalada em sua esposa por causa da história criada por ele. Com isso podemos avaliar que o compadre foi o coautor do crime, sendo responsável pela autoria do plano que levou a morte da esposa do Duque.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

O velho que tinha vindo  
somentemente propor questão,  
por que o cavalo velho  
nunca botou um tostão  
quando viu a tal rabeça  
quase morre de ambição.

...

O velho muito ligeiro  
foi buscar a rabequinha,  
ele tocava e dizia:  
- acorde, minha velhinha!  
porém a pobre da velha,  
nunca mais comeu farinha.

...

Ele dizia chorando:  
- Esse crime hei de vingá-lo  
seis contos desta rabeça  
com outros seis do cavalo  
eu lá não mando ninguém,  
porque pretendo matá-lo.

O pobre usou da sua astúcia mais duas vezes na história: a primeira, quando o Duque mandou dois capangas colocar o homem em um surrão e em seguida jogá-lo de um rochedo. Assim os homens fizeram. O pobre logo criou um plano: quando os capangas do duque foram beber cachaça, ele ficou sozinho, avistou um boiadeiro passando e começou a gritar que não casava por que não queria, porque tinha uma mulher milionária. Foi então que ele conseguiu sair do surrão e trocar de lugar com o boiadeiro. Então os capangas voltaram e sem pensar jogaram o surrão com o boiadeiro dentro do rochedo. O pobre começou então a viver com a boiada, vendendo e comprando, até que conseguiu ficar rico. Foi então que ele criou sua última artimanha: passou na casa do Duque, que ficou abismado com a riqueza do compadre e caiu em mais uma história. O pobre disse que os capangas o tinham jogado de uma serra onde havia muito dinheiro e que pegou só um pouco desde dinheiro para sobreviver, deixando lá o restante. O duque ambicioso pediu logo para ir para esse rochedo. O pobre não pensou duas vezes mandou fazer um surrão e colocou o Duque dentro e jogou

lá de cima do rochedo. Foi então que o Duque deixou toda sua ganancia para trás junto com sua vida.

Nesta obra Leandro Gomes de Barros, demonstra a astúcia através da imagem do pobre que vivia no interior do Rio de Janeiro. Que usava da sua astúcia para roubar o duque que era um homem ambicioso e ganancioso. Podemos observar que a imagem do pobre inicialmente não tem nenhuma malícia e todos os planos arquitetados são realizados com uma única e exclusiva finalidade que é sobreviver, até o momento que ele começa a usar desta astúcio em benefício próprio para enriquecimento chegando a cometer assassinatos consequentes de seus planos.

*A história da donzela Teodora* retrata uma história que aconteceu no reino de Túnis, onde um comerciante húngaro resolve comprar uma fidalga muito afeiçoada. Após comprá-la, o húngaro manda educar a moça, mas no reino não existia ninguém mais sábio que ela. Os seus professores logo passaram a aprender com ela. A donzela se tornou uma alta conhecedora da filosofia, da metafísica e astrologia, sabia cantar e tocar qualquer música conhecia as sete artes, os doze signos. Era uma pessoa de muito saber e inteligência, até que um dia o húngaro perde tudo no mar e a donzela dá uma sugestão para que ele a vendesse ao rei Almoçar. O húngaro pediu muito dinheiro ao rei e ele ficou espantado, tendo que a donzela provar essa sabedoria derrotando sábios de todo o reino. Primeiro, veio o professor de ciência, que logo desistiu quando viu que não existia sábio no mundo que soubesse de ciência mais que ela. O segundo sábio insistiu até o fim, mas não conseguiu derrubar a donzela, sobrando apenas o último sábio, que era conhecido em toda a Grécia. A donzela logo lançou um desafio: quem perdesse a batalha ficaria como veio ao mundo. Sem titubear a donzela venceu, cobrando do sábio que pagasse a aposta. Este, para não perder a honra aceitou pagar cinco mil à donzela, mesmo valor que o rei Almoçar aceitou pagar para liberá-la, A donzela voltou para casa com seu dono com vinte mil.

A astúcia pode ser percebida em vários momentos no folhetim *A História da donzela Teodora*, o que sugere que este é um tema muito relevante nas obras de Leandro. Neste cordel, Leandro procura demonstrar a astúcia diferente da analisada na obra anterior. O contexto e ambiente são distintos, mas a astúcia continua sendo usada como arma para a sobrevivência do ser menos favorecido cujo maior bem é a inteligência.

No cordel, a donzela demonstra em todos os momentos sua inteligência, desenvolvida durante sua vida devido a sua força de vontade e dedicação em aprender. Tudo que era ensinado a ela aprendia com facilidade. Com o passar dos anos, ela começa a adquirir conhecimento para ensinar seus próprios professores que era quem deveria ensinar a ela. Essa inteligência serviu para ela se sair de situações complicadas.

*A donzela Teodora*

Ela que já era um ente  
Nascida por excelência  
Como quem tivesse vindo  
Das entranhas da ciência  
Tinha por pai o saber  
E por mãe a inteligência

Admirou todo mundo  
O saber desta donzela  
Tudo que era ciência  
Podia se encontrar nela  
O professor que ensinou-a  
Depois aprendeu com ela.

Outro momento de artimanha da donzela inicia-se quando seu dono, o húngaro, perde tudo no mar. Utilizando-se da sua astúcia, pede que seu dono procure um amigo para pedir o que se pode arrumar. Ela sugeriu que procurasse logo o seu antigo dono, o Mouro, aconselhou que seu dono aceitasse tudo que ele desse e que pedisse coisas que ajudassem a ela a se tornar uma pessoa mais bela, como roupas e jóias, pensamento individualista. Mas isso é só a donzela mais uma vez utilizando-se da sua astúcia para ajudar-se e ajudar ao seu dono a sair deste momento de aperto. Teodora sugere que, com ela bem arrumada, seu dono a vendesse ao rei Almonçor. Teodora utiliza-se da sua astúcia não só para que ela possa utilizar de sua inteligência adquirida com seus estudos mas para conseguir mais dinheiro para ela e para o seu dono.

O segundo momento de astúcia da donzela se configura no primeiro desafio feito pelo rei, quando trouxe um sábio da cidade que perguntou à Teodora o que primeiro sobre o céu, Deus fez. A donzela, sem titubear, logo respondeu com todo o seu conhecimento de ciência, mas de maneira astuciosa, sem puxar muito para a ciência, mas também sem deixar pontos soltos na sua resposta. A donzela disse: o sol e a lua e os doze signos coisa que logo ela estudou. Assim ela supera o sábio, que, após toda a explanação, desistiu e disse ao rei que não existia ninguém no mundo mais sábio que a donzela, deixando o rei a principio preocupado com medo de ser derrotado no desafio

para uma simples fidalga do reino, coisa que iria lhe rebaixar ao nível dos mais inferiores do reino.

A donzela prosseguiu demonstrando sua astúcia. Dessa vez foi com um sábio de matemática e clínico. O sábio perguntou a Teodora qual a ligação dos doze signos com o corpo humano. A donzela, mais uma vez muito astuciosa, respondeu sem demorar: ligou o objeto de cada signo a uma parte do corpo humano. Como Aries representa a cabeça de um cordeiro, ela afirmou que Aries, como sua simbologia era cabeça de um bode, era a cabeça. Assim fez com todos os demais signos, demonstrando que o que para muitos parecia ser uma inteligência inigualável, não se passava de uma “engenhoca” desenvolvida pela sua astúcia.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

Áries domina a cabeça  
 Uma parte melindrosa  
 Para quem nascer em março  
 A sangria é perigosa  
 A pessoa que sangrar-se  
 Deve ficar receosa.

Chega o momento de a donzela usar de sua astúcia em benefício próprio. Resolve, no momento do desafio do terceiro e último sábio, propor uma aposta. A donzela desejava mostrar-se superior e de certa forma diminuir o sábio. A aposta seria que quem vencesse o desafio ficaria com a roupa do perdedor, fazendo com que ele ficasse como veio ao mundo totalmente despido.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

Minha aposta é a seguinte  
 De nós o que for vencido  
 Ficará aqui na corte  
 Publicamente despido  
 Ficando completamente  
 Como quando foi nascido.

Inteligente e astuciosa, a donzela continua seguindo seu plano, utilizando de respostas improvisadas, mas de certa forma corretas, quando o sábio lhe pergunta qual a coisa mais aguda, o objeto mais doce que o mel e qual o bicho que tem oito sinais. A

coisa mais aguda ela define sendo a língua da mulher, a coisa mais doce que mel é o amor de um pai para um filho e quem possui oito sinais é o gafanhoto, descrevendo as suas características para compará-lo com oito animais diferentes.

A donzela conseguiu mais uma vez vencer seu duelo e, em contrapartida, a aposta, deixando o sábio e o rei Almoçor sem saída. Utilizando da esperteza, resolve usar mais uma vez a astúcia para tirar dinheiro do sábio e do rei, pedindo cinco mil do sábio e mais cinco mil do rei para que ela deixasse o sábio levar a roupa e para que ela fosse embora.

A donzela Teodora demonstra ser uma pessoa muito astuciosa, por ter muito conhecimento, além dos estudos que ela possuía do tempo que seu dono mandou ela estudar, também possuía o dom da esperteza. Esses fatores influenciaram para que ela pudesse vencer os mais difíceis desafios encontrados na sua vida pelas pessoas de mais condições aquisitivas e de superioridade de poder. Ela utiliza de sua astúcia sem maldade, apenas para auxiliar na sua sobrevivência.

Nos dois folhetins, as histórias começam desenvolvendo a astúcia da mesma maneira, no *Cavalo que Defecava Dinheiro*, O pobre utiliza-se de sua esperteza para ajudar sua família, que passa por problemas financeiros graves, assim como todo pobre do interior que trabalha no pesado. Na *Donzela Teodora*, ela utiliza-se do recurso para auxiliar ao seu dono que encontrasse em dificuldade financeira porque perdeu tudo. Com o desenrolar das histórias a astúcia dos dois personagens começam a se distanciar. O pobre cada vez mais vai desenvolvendo planos de maneira intuitiva. A donzela vai produzindo astúcia de natureza intelectual a medida das dificuldades que vão surgindo.

Os conflitos nos dois folhetins apresentam figuras distintas. De um lado o Duque que em nenhum momento demonstrou uma inteligência ou malícia visível. Em todos os acontecimentos nos quais o compadre engana o duque não demonstra a minha imagem de que vai arquiteta uma ideia para reverter à situação. Em contra partida a donzela encontra na imagem do rei um ser astucioso que durante suas investidas busca sempre maneiras para conseguir vencê-la, chamando para duelar com a donzela, sábios de locais e conhecimentos distintos sem surtir efeito algum.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

O rei mandou logo chamar  
um grande sábio que havia  
o instrutor da cidade  
em física e astronomia  
em matemática e retórica  
história e filosofia.

Seguindo a astúcia em ambos os cordéis cada vez mais ambos vão seguindo por caminhos diferentes. O compadre começa a utilizar da sua astúcia para enriquecimento próprio chegando até a cometer crimes e planos de vinganças. Em contra partida a donzela além de utilizar de sua astúcia para auxiliar ao seu dono a conseguir pagar suas dívidas, utiliza também fortalecimento do seu ego, causando constrangimento do rei deixando ele totalmente sem roupas em frente ao povo do reino.

Observando o espaço onde se passa as duas histórias, encontramos um distanciamento entre ambos. Em *O cavalo que defecava dinheiro*, se passa em uma cidade interiorana. Na época em nosso país era muito comum a imagem do Duque que tudo podia e comprava e que a inteligência não era seu forte. Em contra partida os pobres que na época sofresse com pessoas de melhor condição, encontravam em sua astúcia um refugio, mesmo sabendo que muitos desenvolviam essa esperteza apenas com a vivência e não com conhecimento de estudo.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

Na cidade de Macaé  
antigamente existia  
um duque velho invejoso  
que nada o satisfazia  
desejava possuir  
todo objeto que via.

No cordel, *A donzela Teodora* representa a imagem da Europa Medieval, na época que ainda existia reino e toda a cultura que girava em torno dos reinos. Era muito comum a existência das donzelas que eram restritas de fazer e praticar certas coisas.

*O Cavalo que defecava dinheiro*

Houve no reino de Túnis  
um grande negociante  
era natural da Hungria  
e negociava ambulante  
uma alma pura e constante



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostra a literatura de cordel, que é uma forma de literatura popular que durante anos vem se desenvolvendo no Brasil. Além de se assemelhar com outras formas de literatura popular presentes em todo o mundo, a partir do desenvolvimento da literatura de cordel. Partimos da discussão da origem do termo “literatura de cordel”, que é o que tradicionalmente define o gênero. Observamos a imagem de Leandro Gomes de Barros, que foi considerado o pai desta forma de produção, tendo produzido um acervo imenso de obras que, até os dias de hoje, vem sendo editoradas e vendidas em todo o Brasil. Por último, analisamos dois folhetos de Leandro Gomes de Barros e, neles, a imagem do homem que, por ser menos favorecido perante a sociedade, utiliza-se de sua astúcia para se sair de situações difíceis. O poeta empregou, artisticamente, a imagem do pobre, muito comum em sua terra, descrevendo os momentos de sofrimento observado na experiência do dia a dia e ao longo da existência, Nordeste a fora.

Podemos concluir que os cordéis *O Cavalo que defecava dinheiro* e *A Donzela Teodora* trabalham com o tema da astúcia, porém de forma diferente. O primeiro emprega, em princípio, a astúcia, o que depois muda, assim como o segundo. Mas, para além disso, podemos identificar importantes diferenças entre os dois poemas. Em determinados momentos, apresenta-se a crueldade dos personagens. Essa característica observada nestes dois cordéis pode ser facilmente encontrada em outros cordéis da autoria de Leandro, seguindo a temática da astúcia e da malandragem. Podemos, ainda, verificar que a astúcia possui uma variante dentro dos folhetins. Dos momentos de inocência dos personagens, passa-se aos de esperteza, conduzindo-se a ação na direção da ganância e da crueldade. Na podemos afirmar, contudo, que Leandro Gomes de Barros utilizou-se tão somente de dados de sua vivência, mas da abordagem do tema que era de grande relevância para sua época e sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Itatiaia, 1986.

BARROS, Leandro Gomes de. **História da donzela Teodora**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000012.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_. **O cavalo que defecava dinheiro**. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/popups/cordeldavez/cordeldavez001.htm>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

BRITO, Gilmário Moreira. **Cultura e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade**. São Paulo, São Paulo: Annablume, 2009.

CUNHA, Léo (Org.). **Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas**. Curitiba, Paraná: Piá, 2012.

RODRIGUES, André Figueiredo. **Como elaborar e apresentar monografias**. 4. Ed. – São Paulo: Humanitas, 2003.

HAURÉLIO, Marcos. **Breve história da literatura de cordel**. São Paulo, São Paulo: Claridade, 2010.

JUNIOR, Manuel Diégues. **Literatura popular em verso : estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo; (Rio de Janeiro) : Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.

LOPES, José de Ribamar (Org.). **Literatura de cordel; antologia**. Fortaleza, Ceará: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história leitura do cordel brasileira**. São Paulo: Editora Luzeiro, 2012.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo, São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MEDEIROS, Irani. **No reino da poesia sertaneja; antologia Leandro Gomes de Barros**. João Pessoa, Paraíba: Idéia, 2002.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

NEMER, Sylvia (Org.). **Recortes Contemporâneos sobre o Cordel**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

SEVERO, Ione. **Ensaio literários: do popular ao erudito**. João Pessoa, Paraíba: Ideia, 2013.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evoluções da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Editora Milart, 2014.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. Bonsucesso, Rio de Janeiro: Edição PocketOuro, 2008.

VIANNA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros: vida e obra**. Fortaleza, Ceará: Edições Fundação Sintaf, 2014.

## APÊNDICE:



## O Cavalo que Defecava Dinheiro

Autor: Leandro Gomes de Barros

Na cidade de Macaé  
antigamente existia  
um duque velho invejoso  
que nada o satisfazia  
desejava possuir  
todo objeto que via

Esse duque era compadre  
de um pobre muito atrasado  
que morava em sua terra  
num rancho todo estragado  
sustentava seus filhinhos  
na vida de alugado.

Se vendo o compadre pobre  
naquela vida privada  
foi trabalhar nos engenhos  
longe da sua morada  
na volta trouxe um cavalo  
que não servia pra nada

Disse o pobre à mulher:  
\_ como havemos de passar?  
o cavalo é magro e velho  
não pode mais trabalhar  
vamos inventar um "quengo"  
pra ver se o querem comprar.

Foi na venda e de lá trouxe  
três moedas de cruzado  
sem dizer nada a ninguém  
para não ser censurado  
no fiofó do cavalo  
foi o dinheiro guardado

Do fiofó do cavalo  
ele fez um mealheiro  
saiu dizendo: \_ sou rico!  
inda mais que um fazendeiro,  
porque possuo o cavalo  
que só defeca dinheiro.

Quando o duque velho soube  
que ele tinha esse cavalo  
disse pra velha duquesa:  
\_ amanhã vou visitá-lo

se o animal for assim  
faço o jeito de comprá-lo!

Saiu o duque vexado  
fazendo que não sabia,  
saiu percorrendo as terras  
como quem não conhecia  
foi visitar a choupana,  
onde o pobre residia.

Chegou salvando o compadre  
muito desinteressado:  
\_ compadre, como lhe vai?  
onde tanto tem andado?  
há dias que lhe vejo  
parece está melhorado...

\_ É muito certo compadre  
ainda não melhorei  
porque andava por fora  
faz três dias que cheguei  
mas breve farei fortuna  
com um cavalo que comprei.

\_ Se for assim, meu compadre  
você está muito bem!  
é bom guardar o segredo,  
não conte nada a ninguém.  
me conte qual a vantagem  
que este seu cavalo tem?

Disse o pobre: \_ Ele está magro  
só o osso e o couro,  
porém tratando-se dele  
meu cavalo é um tesouro  
basta dizer que defeca  
níquel, prata, cobre e ouro!

Aí chamou o compadre  
e saiu muito vexado,  
para o lugar onde tinha  
o cavalo defecado  
o duque ainda encontrou  
três moedas de cruzado.

Então exclamou o velho:  
\_ só pude achar essas três!  
disse o pobre: \_ ontem à tarde  
ele botou dezesseis!

ele já tem defecado,  
dez mil réis mais de uma vez.

\_ Enquanto ele está magro  
me serve de mealheiro.  
eu tenho tratado dele  
com bagaço do terreiro,  
porém depois dele gordo  
não quem vença o dinheiro...

Disse o velho: \_ meu compadre  
você não pode tratá-lo,  
se for trabalhar com ele  
é com certeza matá-lo  
o melhor que você faz  
é vender-me este cavalo!

\_ Meu compadre, este cavalo  
eu posso negociar,  
só se for por uma soma  
que dê para eu passar  
com toda minha família,  
e não precise trabalhar.

O velho disse ao compadre:  
\_ assim não é que se faz  
nossa amizade é antiga  
desde os tempo de seus pais  
dou-lhe seis contos de réis  
acha pouco, inda quer mais?

\_ Compadre, o cavalo é seu!  
eu nada mais lhe direi,  
ele, por este dinheiro  
que agora me sujeitei  
para mim não foi vendido,  
faça de conta que te dei!

O velho pela ambição  
que era descomunal,  
deu-lhe seis contos de réis  
todo em moeda legal  
depois pegou no cabresto  
e foi puxando o animal.

Quando ele chegou em casa  
foi gritando no terreiro:  
\_ eu sou o homem mais rico  
que habita o mundo inteiro!

porque possuo um cavalo  
que só defeca dinheiro!

Pegou o dito cavalo  
botou na estrebaria,  
milho, farelo e alface  
era o que ele comia  
o velho duque ia lá,  
dez, doze vezes por dia...

Aí o velho zangou-se  
começou loga a falar:  
\_ como é que meu compadre  
se atreve a me enganar?  
eu quero ver amanhã  
o que ele vai me contar.

Porém o compadre pobre,  
(bicho do quengo lixado)  
fez depressa outro plano  
inda mais bem arranjado  
esperando o velho duque  
quando viesse zangado...

O pobre foi na farmácia  
comprou uma borrachinha  
depois mandou encher ela  
com sangue de uma galinha  
e sempre olhando a estrada  
pré ver se o velho vinha.

Disse o pobre à mulher:  
\_ faça o trabalho direito  
pegue esta borrachinha  
amarre em cima do peito  
para o velho não saber,  
como o trabalho foi feito!

Quando o velho aparecer  
na volta daquela estrada,  
você começa a falar  
eu grito: \_ oh mulher danada!  
quando ele estiver bem perto,  
eu lhe dou uma facada.

Porém eu dou-lhe a facada  
em cima da borrachinha  
e você fica lavada  
com o sangue da galinha

eu grito: \_arre danada!  
nunca mais comes farinha!

Quando ele ver você morta  
parte para me prender,  
então eu digo para ele:  
\_eu dou jeito ela viver,  
o remédio tenho aqui,  
faço para o senhor ver!

\_Eu vou buscar a rabeça  
começo logo a tocar  
você então se remaxa  
como quem vai melhorar  
com pouco diz: \_estou boa  
já posso me levantar.

Quando findou-se a conversa  
na mesma ocasião  
o velho ia chegando  
aí travou-se a questão  
o pobre passou-lhe a faca,  
botou a mulher no chão.

O velho gritou a ele  
quando viu a mulher morta:  
\_esteja preso, bandido!  
e tomou conta da porta  
disse o pobre: \_vou curá-la!  
pra que o senhor se importa?

\_O senhor é um bandido  
infame de cara dura  
todo mundo apreciava  
esta infeliz criatura  
depois dela assassinada,  
o senhor diz que tem cura?

Compadre, não admito  
o senhor dizer mais nada,  
não é crime se matar  
sendo a mulher malcriada  
e mesmo com dez minutos,  
eu dou a mulher curada!

Correu foi ver a rabeça  
começou logo a tocar  
de repente o velho viu  
a mulher se endireitar

e depois disse: \_estou boa,  
já posso me levantar...

O velho ficou suspenso  
de ver a mulher curada,  
porém como estava vendo  
ela muito ensanguentada  
correu ela, mas não viu,  
nem o sinal da facada.

O pobre entusiasmado  
disse-lhe: \_já conheceu  
quando esta rabeça estava  
na mão de quem me vendeu,  
tinha feito muitas curas  
de gente que já morreu!

No lugar onde eu estiver  
não deixo ninguém morrer,  
como eu adquiri ela  
muita gente quer saber  
mas ela me está tão cara  
que não me convém dizer.

O velho que tinha vindo  
somente propor questão,  
por que o cavalo velho  
nunca botou um tostão  
quando viu a tal rabeça  
quase morre de ambição.

\_Compadre, você desculpe  
de eu ter tratado assim  
porque agora estou certo  
eu mesmo fui o ruim  
porém a sua rabeça  
só serve bem para mim.

\_Mas como eu sou um homem  
de muito grande poder  
o senhor é um homem pobre  
ninguém quer o conhecer  
perca o amor da rabeça...  
responda se quer vender?

\_Porque a minha mulher  
também é muito estouvada  
se eu comprar esta rabeça  
dela não suporto nada

se quiser teimar comigo,  
eu dou-lhe uma facada.

\_Ela se vê quase morta  
já conhece o castigo,  
mas eu com esta rabeça  
salvo ela do perigo  
ela daí por diante,  
não quer mais teimar comigo!

Disse-lhe o compadre pobre:  
\_o senhor faz muito bem,  
quer me comprar a rabeça  
não venderei a ninguém  
custa seis contos de réis,  
por menos nem um vintém.

O velho muito contente  
tornou então repetir:  
\_a rabeça já é minha  
eu preciso a possuir  
ela para mim foi dada,  
você não soube pedir.

Pagou a rabeça e disse:  
\_vou já mostrar a mulher!  
a velha zangou-se e disse:  
\_vá mostrar a quem quiser!  
eu não quero ser culpada  
do prejuízo que houver.

\_O senhor é mesmo um velho  
avarento e interesseiro,  
que já fez do seu cavalo  
que defecava dinheiro?  
\_meu velho, dê-se a respeito,  
não seja tão embusteiro.

O velho que confiava  
na rabeça que comprou  
disse a ela: \_cale a boca!  
o mundo agora virou  
dou-lhe quatro punhaladas,  
já você sabe quem sou.

Ele findou as palavras  
a velha ficou teimando,  
disse ele: \_velha dos diabos  
você ainda está falando?

deu-lhe quatro punhaladas  
ela caiu arquejando...

O velho muito ligeiro  
foi buscar a rabequinha,  
ele tocava e dizia:  
\_acorde, minha velhinha!  
porém a pobre da velha,  
nunca mais comeu farinha.

O duque estava pensando  
que sua mulher tornava  
ela acabou de morrer  
porém ele duvidava  
depois então conheceu  
que a rabeça não prestava.

Quando ele ficou certo  
que a velha tinha morrido  
boto os joelhos no chão  
e deu tão grande gemido  
que o povo daquela casa  
ficou todo comovido.

Ele dizia chorando:  
\_esse crime hei de vingá-lo  
seis contos desta rabeça  
com outros seis do cavalo  
eu lá não mando ninguém,  
porque pretendo matá-lo.

Mandou chamar dois capangas:  
\_me façam um surrão bem feito  
façam isto com cuidado  
quero ele um pouco estreito  
com uma argola bem forte,  
pra levar este sujeito!

Quando acabar de fazer  
mande este bandido entrar,  
para dentro do surrão  
e acabem de costurar  
o levem para o rochedo,  
para sacudi-lo no mar.

Os homens eram dispostos  
findaram no mesmo dia,  
o pobre entrou no surrão  
pois era o jeito que havia



botaram o surrão nas costas  
e saíram numa folia.

Adiante disse um capanga:  
-está muito alto o rojão,  
eu estou muito cansado,  
botemos isto no chão!  
vamos tomar uma pinga,  
deixe ficar o surrão.

-Está muito bem, companheiro  
vamos tomar a bicada!  
(assim falou o capanga  
dizendo pro camarada)  
seguiram ambos pra venda  
ficando além da estrada...

Quando os capangas seguiram  
ele cá ficou dizendo:  
\_ não caso porque não quero,  
me acho aqui padecendo...  
a moça é milionária  
o resto eu bem compreendo!

Foi passando um boiadeiro  
quando ele dizia assim,  
o boiadeiro pediu-lhe:  
\_ arranje isto pra mim  
não importa que a moça  
seja boa ou ruim!

O boiadeiro lhe disse:  
\_ eu dou-lhe de mão beijada,  
\_ todos os meus possuídos  
vão aqui nessa boiada...  
fica o senhor como dono,  
pode seguir a jornada!

Ele condenado à morte  
não fez questão, aceitou,  
descoseu o tal surrão  
o boiadeiro entrou  
o pobre morto de medo  
num minuto costurou.

O pobre quando se viu  
livre daquela enrascada,  
montou-se num bom cavalo  
e tomou conta da boiada,

saiu por ali dizendo:  
\_ a mim não falta mais nada.

Os capangas nada viram  
porque fizeram ligeiro,  
pegaram o dito surrão  
com o pobre do boiadeiro  
voaram de serra abaixo  
não ficou um osso inteiro.

Fazia dois ou três meses  
que o pobre negociava  
a boiada que lhe deram  
cada vez mais aumentava  
foi ele um dia passar,  
onde o compadre morava...

Quando o compadre viu ele  
de susto empalideceu;  
\_ compadre, por onde andava  
que agora me apareceu?!  
segundo o que me parece,  
está mais rico do que eu...

\_ Aqueles seus dois capangas  
voaram-me num lugar  
eu caí de serra abaixo  
até na beira do mar  
aí vi tanto dinheiro,  
quanto pudesse apanhar!..

\_ Quando me faltar dinheiro  
eu prontamente vou ver.  
o que eu trouxe não é pouco,  
vai dando pra eu viver  
junto com a minha família,  
passar bem até morrer.

\_ Compadre, a sua riqueza  
diga que fui eu quem dei!  
pra você recompensar-me  
tudo quanto lhe arranjei,  
é preciso que me bote  
no lugar que lhe botei!..

Disse-lhe o pobre: \_ Pois não,  
estou pronto pra lhe mostrar!  
eu junto com os capangas  
nós mesmo vamos levar

e o surrão de serra abaixo  
sou eu quem quero empurrar!..

O velho no mesmo dia  
mandou fazer um surrão.  
depressa meteu-se nele,  
cego pela ambição  
e disse: \_compadre eu estou  
à tua disposição.

O pobre foi procurar  
dois cabras de confiança  
se fingindo satisfeito  
fazendo a coisa bem mansa  
só assim ele podia,  
tomar a sua vingança.

Saíram com este velho  
na carreira, sem parar  
subiram de serra acima  
até o último lugar  
daí voaram o surrão  
deixaram o velho embolar...

O velho ia pensando  
de encontrar muito dinheiro,

Porém secedeu com ele  
do jeito do boiadeiro,  
que quando chegou embaixo  
não tinha um só osso inteiro.

Este livrinho nos mostra  
que a ambição nada convém  
todo homem ambicioso  
nunca pode viver bem,  
arriscando o que possui  
em cima do que já tem.

Cada um faça por si,  
eu também farei por mim!  
é este um dos motivos  
que o mundo está ruim,  
porque estamos cercados  
dos homens que pensam assim.

FIM

AUTOR: LEANDRO GOMES DE BARROS

*Proprietário: José Bernardo da Silva*

# História da DONZELA TEODORA



## **História da donzela Teodora**

*Leandro Gomes de Barros*

Eis a real descrição  
da história da donzela  
dos sábios que ela venceu  
e a aposta ganha por ela  
tirado tudo direito  
da história grande dela

Houve no reino de Túnis  
um grande negociante  
era natural da Hungria  
e negociava ambulante  
uma alma pura e constante

Andando um dia na praça  
numa porta pôde ver  
uma donzela cristã  
para ali se vender  
o mercador vendo aquilo  
não pôde mais se conter

Tinha as feições de fidalga  
era uma espanhola bela  
ele perguntou ao mouro  
quanto queria por ela  
entraram então em negócio  
negociaram a donzela

O húngaro conheceu nela  
formato de fidalguia  
mandou educá-la bem  
na melhor casa que havia  
em pouco tempo ela soube  
o que ninguém mais sabia

Mandou ensinar primeiro  
música e filosofia  
ela sem mestre aprendeu  
física e astrologia  
descrever com distinção  
história e anatomia

Ela que já era um ente  
nascida por excelência

como quem tivesse vindo  
das entranhas da ciência  
tinha por pai o saber  
e por mãe a inteligência

Em pouco tempo ela tinha  
tão grande adiantamento  
que só Salomão teria  
um igual conhecimento  
cantava música e tocava  
a qualquer um instrumento

Estudou e conhecia  
as sete artes liberais  
conhecia a natureza  
de todos os vegetais  
descrevia muito bem  
a castra dos animais

Descrevia os doze signos  
de que é composto o ano  
da cabeça até os pés  
conhecia o corpo humano  
e dava definição  
de tudo do oceano

Admirou todo mundo  
o saber desta donzela  
tudo que era ciência  
podia se encontrar nela  
o professor que ensinou-a  
depois aprendeu com ela

Mas como tudo no mundo  
é mutável e inconstante  
esse rico mercador  
negociava ambulante  
e toda sua fortuna  
perdeu no mar num instante

Atrás do bem vem o mal  
atrás da honra a torpeza  
quando ele saiu de casa  
levava grande riqueza  
voltou trazendo somente  
uma extrema pobreza

Só via em torno de si  
o vil manto da marzela  
em casa só lhe restava  
a mulher e a donzela  
então chamou Teodora  
e pediu o parecer dela

Disse ele: minha filha  
bem vês minha natureza  
e sabes que o oceano  
espoliou minha riqueza  
espero que teus conselhos  
me tirem desta pobreza

Ela quando ouviu aquilo  
sentiu no peito uma dor  
e lhe disse, tenha fé  
em deus nosso salvador  
vou estudar um remédio  
que salvará o senhor

E disse: meu senhor saia  
procure um amigo seu  
é bom ir logo na casa  
do mouro que me vendeu  
chegue lá converse com ele  
e conte o que lhe sucedeu

O que ele oferecer-lhe  
de muito bom grado aceite  
e veja se ele lhe vende  
vestidos que me endireite  
compre a ele todas as jóias  
que uma donzela se enfeite

Se o mouro vender-lhe tudo  
com que possa me compor  
vossa mercê vai daqui  
vender-me ao rei Almançor  
é esse o único meio  
que salvará o senhor

El-rei lhe perguntará  
por quanto vai me vender  
por dez mil dobras de ouro  
meu senhor há de dizer

quando ele admirar-se  
veja o que vai responder

Dizendo alto senhor  
não fique admirado  
eu vendo-a com precisão  
não peço preço alterado  
dobrada esta quantia  
tenho com ela gastado

É esse o único meio  
para a sua salvação  
se o mouro vende-lhe tudo  
descanse seu coração  
daqui para o fim da vida  
não terá mais precisão

O mercador seguiu tudo  
quando a donzela ditava  
chegou ao mouro e contou-lhe  
o desespero em que estava  
então o mouro vendeu-lhe  
tudo quanto precisava

Roupa, objetos e jóias  
para enfeitar a donzela  
as roupas vinha que só  
sendo cortada pra ela  
ela quando vestiu tudo  
parecia ficar mais bela

O mercador aprontou-se  
e seguiu com brevidade  
falou ao guarda da corte  
com muita amabilidade  
para deixá-lo falar  
com a real majestade

Então subiu um vassalo  
deu parte ao rei Almançor  
o rei chegou a escada  
perguntou ao mercador:  
— amigo qual o negócio  
que tem comigo o senhor?

Então disse o mercador  
sem grande humildade:

— senhor venho a vossa alteza  
com grande necessidade  
ver se vendo esta donzela  
a vossa real majestade

O rei olhou a donzela  
e disse dentro de si:  
foi a mulher mais formosa  
que neste mundo já vi  
trinta ou quarenta minutos  
o rei presenciou ela ali

Perguntou ao mercador:  
por quanto vendes a donzela?  
por 10 mil dobras de outro  
é o que peço por ela  
e não estou pedindo caro  
visto a habilidade dela.

Disse o rei ao mercador:  
— senhor, estou surpreso  
dez mil dobras de ouro  
é preço desconhecido  
ou tu não queres vendê-la  
ou estás fora do sentido

Disse o mercador: El rei  
não é caro esta donzela  
dobrado a esta quantia  
gastei para educar ela  
excede a todos os sábios  
a sabedoria dela

O rei mandou logo chamar  
um grande sábio que havia  
o instrutor da cidade  
em física e astronomia  
em matemática e retórica  
história e filosofia

Esse veio e perguntou-lhe  
— donzela estás preparada  
para responder-me tudo  
sem titubiar em nada?  
se não estiver seja franca  
se não sai envergonhada

Então ela respondeu-lhe  
— mestre pode perguntar  
eu lhe responderei tudo  
sem cousa alguma faltar  
farei debaixo da lei  
tudo que o senhor mandar

O sábio ali preparou-se  
para entrar em discussão  
ela com muita vergonha  
ela não teve alteração  
pediu licença a El-rei  
e ficou de prontidão

— Diz-me donzela o que Deus  
sob o céu primeiro fez  
respondeu o sol e a lua  
e a lua por sua vez  
é por uma obrigação  
cheia e nova todo mês

— Além do sol e a lua  
doze signos foram feitos  
formando a constelação  
sendo ao sol todos sujeitos  
desiguais na natureza  
com diversos preconceitos

Como se chama esses signos?  
perguntou o emissário  
a donzela respondeu:  
— Capricórnio e Aquário  
Tauro, Câncer, Libra, Virgo  
Pisces, Escórpio e Sagitário

— Existem outros três signos  
Áries, Léo e Geminis  
no signo Léo quem nascer  
será um homem feliz  
inclinado a viajar  
por fora de seu país

O sábio disse: Donzela  
é necessário dizer  
que condições tem o homem  
que em cada signo nascer

por influência o signo  
de que forma pode ser?

Disse ela o signo Aquário  
reina o mês de janeiro  
o homem que nascer nele  
tem o crescimento varqueiro  
será amante das mulheres  
ventaroso e lisonjeiro

Pisces reina em fevereiro  
quem nesse signo nascer  
é muito gentil de corpo  
muito guloso em comer  
risonho, gosta de viagem  
não faz o que prometer

Em março governa Áries  
neste signo nascerão  
homens nem ricos nem pobres  
por nada se zangarão  
neles se notam um defeito  
falando sós andarão

Em abril governa Tauro  
um signo bem conhecido  
o homem que nascer nele  
será muito presumido  
altivo de coração  
será rico e atrevido

Geminis governa em maio  
sua qualidade é quente  
o homem que nascer nele  
será fraco e diligente  
para os palácios e cortes  
se inclina constantemente

Em julho governa Câncer  
sua qualidade é fria  
o homem que nascer nele  
é forte e tem energia  
é gentil e tem muita força  
e sempre tem alegria

Em julho governa Léo  
por um leão figurado

o homem que nascer nele  
é lutador e honrado  
altivo de coração  
inteligente e letrado

Em agosto reina Virgo  
vem da terra a natureza  
o homem que nascer nele  
tem princípio tem riqueza  
depois se descuidará  
por isso cai em pobreza

Em setembro reina Libra  
a vênus assinalado  
o homem que nascer nele  
será um pouco inclinado  
a viajar pelo mar  
é lutador e honrado

O que nascer em outubro  
será homem falador  
inclinado aos maus costumes  
teimoso e namorador  
pouco jeito nos negócios  
falso grave e enganador

Então o mês de novembro  
sagitário é o reinante  
o homem que nascer nele  
será cínico e inconstante  
desobediente aos pais  
intratável assim por diante

Em dezembro é Capricórnio  
tem a natureza de terra  
o homem que nascer nele  
será inclinado a guerra  
gosta de falar sozinho  
e por qualquer coisa espera

O sábio ali levantou-se  
disse ao rei esta donzela  
não há sábio aqui no mundo  
que tenha a ciência dela  
e com isso vossa alteza  
que estou vencido por ela

O rei ali ordenou  
que fosse o sábio segundo  
foi um matemático e clínico  
um gênio grande e fecundo  
e conhecido por um  
dos sábios maior do mundo

Chegou o segundo sábio  
que inda estava orelhudo  
e disse: donzela eu tenho  
dezoito anos de estudo  
não sou o que tu venceste  
conheço um pouco de tudo

A donzela respondeu  
com licença de el-rei  
tudo que me perguntares  
aqui te responderei  
com brevidade e acerto  
tudo vos explicarei

Perguntou o sábio a ela:  
em nosso corpo domina  
qualquer um dos doze signos  
que a donzela discrimina  
terá alguma influência  
os signos com a medicina?

Então a donzela disse:  
descrito mestre direi  
sabe que os signos são doze  
como eu já expliquei  
compactam com a química  
quer saber? explicarei

Áries domina a cabeça  
uma parte melindrosa  
para quem nascer em março  
a sangria é perigosa  
a pessoa que sangrar-se  
deve ficar receosa

Libra domina as espáduas  
câncer domina os peitos  
para os que são deste signo  
purgantes tem maus efeitos

e as sangrias também  
não serão de bons proveitos

Tauro domina o pescoço  
léo domina o coração  
capricórnio influi nos olhos  
escórpio a organização  
geminis domina os braços  
e influi na musculação

Virgo domina o ventre  
e aquário nas canelas  
para os que são desses signos  
purgas e sangrias são belas  
então sagitário e pisces  
ambos têm igual tabelas

O sábio dentro de si  
disse meio admirado  
onde esta discutir  
ninguém pode ser letrado  
esta só vindo a propósito  
de planeta adiantado

O sábio disse: Donzela  
eu quero se tu poderes  
isto é, eu creio que podes  
não dirás se não quiseres  
o peso, idade e conduta  
que têm todas as mulheres

Disse a donzela: A mulher  
é sempre a arca do bem  
porém só quem a criou  
sabe o peso que ela tem  
isso é uma coisa ignota  
disso não sabe ninguém

Que me dizes das donzelas  
de vinte anos de idade?  
respondeu: sendo formosa  
parece uma divindade  
principalmente ao homem  
que lhe tiver amizade

As de trinta e quarenta  
que dizes tu que elas são?



disse ela: uma dessas  
 é de muita consideração  
 — das de 50 o que dizer?  
 — só prestam para oração

— Que dizes das de 70?  
 — deviam estar num castelo  
 rezando por quem morreu  
 lamentando o tempo belo  
 o que dizes das de 80?  
 — só prestam para o cutelo

Então classificas as velhas  
 tudo de mal a pior?  
 e nos defeitos de tantas  
 não se encontra um menor  
 disse ela: deus me livre  
 de ser vizinho da melhor

Donzela o sábio lhe disse  
 sei que és caprichosa  
 entre todas as pessoas  
 és a mais estudiosa  
 diga que sinais precisam  
 para a mulher ser formosa

Então a donzela disse:  
 para a mulher ser formosa  
 terá dezoito sinais  
 não tendo é defeituosa  
 a obra por seu defeito  
 deixa de ser melindrosa

Há de ter três partes negras  
 de cores bem reluzentes  
 sobrancelhas, olhos, cabelos  
 de cores negras e ardentes  
 branco o lacrimal dos olhos  
 ter branca a face e os dentes

Será comprida em três partes  
 a que tiver formosura  
 compridos os dedos das mãos  
 o pescoço e a cintura  
 rosada cútis e gengivas  
 lábios cor de rosa pura

Terá três partes pequenas  
 o nariz, boca e pé  
 larga a cadeira e ombro  
 ninguém dirá que não é  
 cujos sinais teve-se todos  
 uma virgem em Nazaré

O sábio quando ouviu isto  
 ficou tão surpreendido  
 e disse: El-rei Almançor  
 confesso que estou vencido  
 e quem argumenta com ela  
 se considera perdido

El-rei mandou que outro sábio  
 entrasse em discussão  
 então escolheram um  
 dos de maior instrução  
 a quem chamavam na Grécia  
 professor da criação

Abraão de trabador  
 veio argumentar com ela  
 e disse logo ao entrar:  
 previne-te bem, donzela  
 dizendo dentro si  
 eu hoje hei de zombar dela

Então a donzela disse:  
 senhor mestre estarei disposta  
 de todas suas perguntas  
 o senhor terá resposta  
 se tem confiança em si  
 vamos fazer uma aposta?

Minha aposta é a seguinte  
 de nós o que for vencido  
 ficará aqui na corte  
 publicamente despido  
 ficando completamente  
 como quando foi nascido

O sábio disse que sim  
 mandaram o termo lavrar  
 e a donzela pediu  
 ao rei para assinar

para a parte que perdesse  
depois não se recusar

Lavraram o termo e foi  
às mãos do rei Almoçor  
pra fazer válido o trato  
e ficar por fiador  
obrigando quem perdesse  
dar as roupas ao vencedor

O sábio aí perguntou:  
qual é a coisa mais aguda?  
disse ela: é a língua  
duma mulher linguaruda  
que corta todos os nomes  
e o corte nunca muda

Donzela qual é a coisa  
mais doce do que mel?  
— o amor do pai a um filho  
ou dama esposa fiel  
a ingratidão de um desses  
amarga mais do que fel

O sábio disse: Donzela  
conheces os animais?  
quero agora que descrevas  
alguns irracionais  
me diga qual é o bicho  
que possui oito sinais

Mestre, isto é gafanhoto  
vive embaixo dos outeiros  
tem pescoço como vaca  
esporas de cavaleiros  
tem olhos como marel  
um pássaro dos estrangeiros

Focinho como de vaca  
tem pés como de cegonha  
tem cauda como de víbora  
uma serpente medonha  
e é infeliz o vivente  
que a boca dela se oponha

Tem peito como cavalos  
e não ofende a ninguém

tem asas como de águia  
a que voa muito além  
são antes oito sinais  
que o gafanhoto tem

Perguntou o sábio a ela:  
— que homem foi que viveu  
porém nunca foi menino  
existiu mas não nasceu  
a mãe dele ficou virgem  
até que o neto morreu

— Esse homem foi Adão  
que da terra se gerou  
foi feito já homem grande  
não nasceu, deus o formou  
a terra foi a mãe dele  
e nela se sepultou

Foi feita mas não nascida  
essa nobre criatura  
a terra foi a mãe dele  
serviu-lhe de sepultura  
para abel o neto dele  
fez-se a primeira abertura

— Donzela qual é a coisa  
que pode ser mais ligeira?  
respondeu: o pensamento  
que voa de tal maneira  
que vai ao cabo do mundo  
num segundo que se queira

O sábio fitou-a e disse:  
— donzela diga-me agora  
qual o prazer de um dia  
qual prazer numa hora?  
— dum negócio que se ganha  
dum passeio que da-se fora

A donzela respondeu  
com a maior rapidez  
disse: um homem viajando  
e se bom negócio fez  
é um dos grande prazeres  
que verá por sua vez

Donzela o que é vida?  
disse ela: um mar de torpeza  
o que pode assemelhar-se  
à vela que está acesa  
às vezes está tão formosa  
e se apaga de surpresa

Donzela por quantas formas  
mente a pessoa afinal?  
respondeu: mente por três  
tendo como essencial  
exaltar a quem quer bem  
e pôr taxa em quem quer mal

Donzela que é velhice?  
respondeu com brevidade:  
é vestidura de dores  
é a mãe da mocidade  
e o que mais aborrecemos?  
respondeu: é a idade

Donzela qual é a coisa  
que quem tem muito ainda quer?  
disse ela: é o dinheiro  
que o homem e a mulher  
não se farta de ganhar  
tenha a soma que tiver

Qual é a coisa que o homem  
possui e não pode ver?  
disse ela: o coração  
que aberto tem que nascer  
ver a raiz dos seus olhos  
não há quem possa obter

Donzela qual foi o homem  
que por dois ventres passou?  
disse a donzela: foi Jonas  
que uma baleia o tragou  
conservou-o dentro três dias  
e depois o vomitou

O sábio disse: Donzela  
qual o homem mais de bem?  
disse ela: é aquele  
que menos defeitos tem

quem terá menos defeitos?  
— isso não sabe ninguém

— Donzela qual é a coisa  
que não se pode saber?  
o pensamento do homem  
se ele não quer dizer  
por mais que a mulher procure  
não poderá obter

— Donzela o que é a noite  
cheia de tantos horrores?  
disse ela: é descanso  
dos homens trabalhadores  
é capa dos assassinos  
que encobre os malfeitores

— Onde a primeira cidade  
do mundo foi construída?  
— a cidade de Ninive  
a primeira conhecida  
que depois de certo tempo  
foi pela Grécia abatida

Perguntou: qual o guerreiro  
que teve a antigüidade?  
respondeu: foi Alexandre  
assombro da humanidade  
guerreou vinte e dois anos  
e morreu na flor da idade

Donzela falaste bem  
do maior conquistador  
diga dos homens qual foi  
o maior sentenciador?  
— Pilatos que deu sentença  
a Cristo Nosso Senhor

De todos os patriarcas  
qual seria o mais valente?  
— o patriarca Jacó  
que lutou heroicamente  
com os anjos mensageiros  
do monarca onipotente

— Qual foi a primeira nau  
que foi para o estaleiro

— foi a barca de Noé  
a que no mar foi primeiro  
onde escapou um casal  
de tudo no mundo inteiro

— O que é que corta mais  
que a navalha afiada?  
é a língua da pessoa  
depois de estar irada  
corta com mais rapidez  
que qualquer lâmina amolada

— Qual é o maior prazer  
com que se ocupa a história?  
respondeu: quando um guerreiro  
no campo ganha vitória  
sabei que não pode haver  
tanto prazer tanta glória

O sábio disse: Donzela  
tens falado muito bem  
me diga que condições  
o homem no mundo tem?  
disse a donzela: tem todas  
para o mal e para o bem

É manso como a ovelha  
e feroz como o leão  
seboso como o suíno  
é limpo como o pavão  
é falso como a serpente  
é tão leal como o cão

É fraco como o coelho  
arrogante como o gelo  
airoso como o furão  
forçoso como o cavalo  
e mais te digo que o homem  
ninguém pode decifrá-lo

É calado como peixe  
fala como papagaio  
é lerdo como preguiça  
é veloz igual ao raio  
é sábio quando ouviu isto  
quase que dar-lhe um desmaio

Então inventou um meio  
para ver se a pegaria  
perguntou: o sol da noite  
terá luz quente ou fria?  
a donzela respondeu  
que à noite sol não havia

Com a presença do sol  
é que se conhece o dia  
se de noite houvesse sol  
a noite não existia  
e sem o sereno dela  
todo vivente morreria

Sem água, sem ar, sem luz  
a terra não tinha nada  
não tinha os seres que tem  
seria desabitada  
a própria vegetação  
não podia ser criada

Os reinos da natureza  
cada um possui um gênio  
é necessário o azoto  
precisa o oxigênio  
para a infusão disso tudo  
o carbono e o hidrogênio

O dia Deus fez bem claro  
a noite fez bem escura  
se de noite houvesse sol  
estava o homem à altura  
de notar esse defeito  
e censurar a natura

O sábio baixou a vista  
e ouviu tudo calado  
nada teve a dizer  
pois já estava esgotado  
e tinha plena certeza  
que ficava injuriado

Disse ao público: Senhores  
a donzela me venceu  
não sei com qual professor  
esta mulher aprendeu

aí a donzela disse:  
então o mestre perdeu?

Ele vendo que estava  
esgotado e sem recursos  
ficou trêmulo e muito pálido  
fugiu-lho até os pulsos  
prostou-se aos pés de El-rei  
se sufocando em soluços

E disse: Senhor, confesso  
a vossa real majestade  
que vejo nesta donzela  
a maior capacidade  
ela merece ter prêmio  
pois tem grande habilidade

A donzela levantou-se  
foi ao soberano rei  
então beijando-lhe a mão  
disse: vos suplicarei  
mande o sábio entregar-me  
tudo que dele ganhei

O rei ali ordenou  
que o sábio se despojasse  
de todas as vestes que tinha  
e à donzela as entregasse  
o jeito que tinha ali  
era ele envergonhar-se

O sábio pôs-se a despir-se  
como quem estava doente  
fraque, colete e camisa  
ficando ali indecente  
e pediu para ficar  
com a ceroula somente

Depois sufocado em pranto  
prostrado disse à donzela:  
resta-me apenas a ceroula  
não posso me despir dela  
a donzela perguntou-lhe:  
o senhor nasceu com ela?

O trato foi o seguinte  
de nós quem fosse vencido

perante a todos da corte  
havia de ficar despido  
como quando veio ao mundo  
na hora que foi nascido

El-rei foi o fiador  
nosso ajuste foi exato  
o senhor tem que despir-se  
e dar-lhe fato por fato  
ficando com a ceroula  
não teve efeito o contrato

E não quis dar a ceroula  
o rei mandou que ele desse  
ou pagaria à donzela  
o tanto que ela quisesse  
tanto que indenizasse-a  
embora que não pudesse

Donzela quanto queres  
perguntou o sábio enfim  
a donzela ali fitou-o  
e lhe respondeu assim:  
a metade do dinheiro  
que meu senhor quer por mim

O rei ali conhecendo  
o direito da donzela  
vendo que toda razão  
só podia caber nela  
disse ao sábio: mande ver  
o dinheiro e pague a ela

Cinco mil dobras de ouro  
a donzela recebeu  
o sábio também ali  
nem mais satisfação deu  
aquele foi um exemplo  
que a donzela lhe vendeu

O rei então disse à ela:  
donzela podés pedir  
dou-te a palavra de honra  
farei-te o que exigir  
de tudo que pertencer-me  
poderás tu te servir

Ela beijou-lhe a mão  
 lhe disse peço que dê-me  
 a quantia do dinheiro  
 que meu senhor quer vender-me  
 deixando eu voltar com ela  
 para assim satisfazer-me

O rei julgou que a donzela  
 pedisse para ficar  
 tanto que se arrependeu  
 de tudo lhe franquear  
 mas a palavra de rei  
 não pode se revogar

Mandou dar-lhe o dinheiro  
 discutiu também com ela  
 ficou ciente de tudo  
 quanto podia haver nela  
 e disse vinte mil dobras  
 não pagam esta donzela

Voltou ela e o senhor  
 à sua antiga morada  
 por uma guarda de honra  
 voltou ela acompanhada  
 o senhor dela trazendo  
 uma fortuna avaliada

Ficaram todos os sábios  
 daquilo impressionados  
 pois uma donzela escrava  
 vencer três homens letrados  
 professores de ciências  
 doutores habilitados

Abraão de Trabador  
 com todos não discutia  
 já tinha vencido muitos  
 em música e filosofia  
 em história natural  
 matemática e astronomia

Ele descrevia a fundo  
 os reinos da natureza  
 era engenheiro perito  
 de tudo tinha a certeza

descrevia o oceano  
 da flor d'água a profundeza.

Tanto quando ele entrou  
 que fitou bem a donzela  
 calculou dentro de si  
 a força que havia nela  
 confiando em sua força  
 por isso apostou com ela

Caro leitor escrevi  
 tudo que no livro sabei  
 só fiz rimar a história  
 nada aqui acrescentei  
 na história grande dela  
 muitas coisas consultei